

REVISTA BRASILEIRA DE GEOGRAFIA

Ano IV

ABRIL - JUNHO, 1942

N.º 2

DEVASSAMENTO E OCUPAÇÃO DA AMAZÔNIA BRASILEIRA

Eng. Virgílio Correia Filho

Assistente Técnico do Conselho Nacional de Geografia.

Apenas lorigado em sua embocadura por VICENTE IANEZ PINSON, que, maravilhado pela imensa largura, o apelidou de "Mar Dulce",¹ no mesmo ano do descobrimento do Brasil, o rio portentoso ainda continuava envolto em mistério, quando o ímpeto aventureiro impeliu FRANCISCO DE ORELLANA a sulcar-lhe as águas, ao som da correnteza.

Rabiscavam-lhe os cartógrafos o estuário sem fim, crismado de "Rio Grande", por uns, de "Maranhão", por outros, como ANGHIERA, em suas *Décadas*, de 1516, mas do seu curso dilatado somente poderiam indicar as particularidades as inúmeras e não raro belicosas tribus indígenas, que lhe povoavam as margens.

Na própria faixa litorânea, cedo manifestariam a sua resolução de lutar, quando provocadas.

PINSON, de surpresa, aprisionou alguns índios, que andavam, incautos, pela praia, mas DIEGO DE LEPE, que lhe navegava na esteira, ao tentar captura análoga, experimentou a decepção de encontrar resistência capaz de rechassar-lhe as investidas malogradas.

Quando, porém, já do meio se aproximava o primeiro século americano, novos episódios assinalariam o drama da conquista da América do Sul.

Desafiado por ALMAGRO, à frente de hostil dissidência, logra GONÇALO PIZARRO derrotá-lo no combate de las Salinas, a 26 de Abril de 1538.

E aos partidários, que o auxiliaram a aniquilar a facção adversa, distribuiu o governo de terras distantes.

Coube a ORELLANA, cujo concurso na peleja recente lhe merecera gabos, a Província de la Cubata, onde fundaria a cidade de Santiago de Guaiaquil.

Aí se achava, quando PIZARRO, após tomar posse do cargo de governador de Quito, ao raiar Dezembro de 40, resolve devassar o fabuloso país do ouro e da canela.

¹ Ver RIO BRANCO — *Frontières entre le Brésil et la Guyane Française*.

Aliás, DUARTE LEITE, à frente dos pesquisadores lusitanos, que trataram do assunto, na *História da Colonização Portuguesa do Brasil*, contraria a interpretação generalizada, ao concluir que o Mar Dulce, a que se refere PINSON, é o Orenoco, em vez de Amazonas, descoberto, em sua opinião, depois da viagem de CABRAL. (DUARTE LEITE — *Descobridores do Brasil*).

Convida-o para companheiro de peregrinação.

ORELLANA, farejando glórias e opulência, deixa Guaiaquil em Fevereiro de 41.

Na escalada morosa da cordilheira, retarda-se-lhe a marcha afoita.

Em Quito, verifica ter o governador tomado o rumo do desconhecido, sem lhe aguardar a companhia.

Não obstante, segue-lhe a batida, que o leva ao acampamento, onde PIZARRO delineava ousado plano de exploração dos seus domínios sem fim.

Semana após semana, saem escoltas em diligências, e retornam sem vantagens apreciáveis.

As reservas alimentícias diminuam de contínuo. Previsões realistas já vislumbram indícios de próxima carência de víveres.

A fome na floresta, em meio da indiada vingativa, preocupava os dirigentes.

Resolvem construir um bergantim em rio próximo, que fôsse angariar comestíveis onde os houvesse.

A ORELLANA cabe a incumbência de comandá-lo.

Na pujança dos seus trinta anos, era homem para as mais penosas eventualidades, que exigissem tino e destemor diante do perigo.

Por experiente capelão, escolhe GASPAR DE CARVAJAL, cuja coragem e resistência já lhe tinham granjeado prestígio, apesar da mocidade. Mais sessenta e poucos expedicionários aceitaram acompanhá-lo na audaz empresa.

Aonde iriam? Ninguém saberia responder ao certo.

Viagem aventureira Ao despedir-se de PIZARRO, declarou ORELLANA que voltaria em curto prazo com os mantimentos, que buscava, ou então, se não os encontrasse, excusado seria aguardarem-lhe o regresso.

Que atuasse, como lhe parecesse melhor, seria a resposta do governador, que, aliás, também não depositava demasiada confiança no êxito da providência imposta pelas circunstâncias.

Parte a expedição pesquisadora. Acomodada no bôjo do bergantim recém-construído, deixa-se levar, rio abaixo, vagarosa-



FRANCISCO DE ORELLANA, chefe aventureiro da primeira expedição exploradora do Amazonas, até a sua foz.

mente, para meticuloso exame das paragens ribeirinhas. Nada se lhe depara propício ao reabastecimento de víveres, cuja minguia já impunha jejum.

Na arraiaada festiva de 1.º de Janeiro, cuidam os expedicionários ouvir música selvagem, que se fez distinguir cada vez mais claramente. Eram os Apariás, que pretendiam guerreá-los.

ORELLANA dispôs militarmente a sua tropa faminta com a qual logrou apavorar os assaltantes, em cujo celeiro encontrou com que se fartar.

Não bastariam, porém, os sobejos para atalhar as dificuldades em que se encontrava PIZARRO com a sua gente, embora de momento suavizasse a crise alimentar de bordo.

Urgia prosseguir a exploração. Rodaram cautelosos.

E a 11 de Fevereiro, ou 12, como resulta do cotejo de referências secundárias, sulcaram águas do Maranhão.

Para apoiar a sua decisão, ORELLANA convocou os condutícios em conselho, diante do dilema que se lhes deparava. Regressariam, com escassas esperanças de rever PIZARRO, uma vez que os sofrimentos recentes tresdobrariam, rio acima, ou, prosseguindo a viagem exploradora, deixar-se-iam conduzir pelo caudal misterioso até lhe alcançar a foz ?

A flama aventureira incendiava as imaginações daqueles peninsulares, que afoitamente se deixavam arrebatrar pelas miragens estonteantes do desconhecido, quer fulgurassem sôbre as ondas oceânicas, quer os atraíssem para o recesso das florestas sombrias.

A perecer na contramarcha em que iriam enfrentar sabidos obstáculos, agravados pela mudança de rumo, ao arrepio da correnteza, preferiram ir de bobuia, embora ignorassem os perigos a que se expunham.

Como encontrassem, na ocasião, selvícolas de boa índole, que lhes franqueassem os seus paíóis, e oferecessem obreiros prestimosos, estanciaram por dois meses, em trabalhos de construção de bergantim de maior tamanho, capaz de navegar pelo Atlântico, a que esperavam ir ter.

Mas, adiante, quando saltaram no aldeamento dos Machiporas, de princípio acolhidos com tolerância, sentiram fulminante hostilidade, que os impediu de continuar o saqueio dos armazéns indígenas.

Páreciam famintos, que pretendiam abarrotar a despensa flutuante com os produtos da lavoura nativa, cujos donos tomaram de repente das armas e os acometeram ruidosamente.

A retirada para bordo livrou-os do aniquilamento coletivo, mas a perseguição ainda continuaria por mais de dois dias, sem descanso noturno.

Enxame de canoas ligeiras ameaçava de abordagem a embarcação maior, que as afastava com os arcabuzes, cuja eficiência mortífera pela

primeira vez rareava as fileiras dos aguerridos defensores de seus aldeamentos.

Já se avizinhavam do Tapajoz, quando, ainda uma vez, os expedicionários experimentaram a coragem impetuosa dos naturais, cuja aparência lhes traria à mente recordações clássicas.

Jamais suspeitariam encontrar, à beira do rio imenso, avatares das famosas amazonas, cuja existência a Grécia imortalizou.²

Viram, por entre o arvoredo, flecheiros de compleição robusta, que se lhes afigurou feminina, com as fartas cabeleiras a cobrirem-lhes a cabeça, alvoroçados na peleja, em que davam o exemplo de bravura, à testa dos seus lutadores, cuja deserção puniam com certos golpes mortais.

A fantasia, aguçada pelo que teriam ouvido dos informantes acobreados, com quem palestraram, antes do rompimento de hostilidades, e pelas reminiscências de leituras inesquecíveis, incumbir-se-ia de povoar aquelas paragens brutas de mulheres que viviam sôbre si, normalmente separadas da convivência varonil.

E sabiam lutar bravamente, como experimentou o próprio cronista da expedição, frei CARVAJAL, que saiu da peleja com um dos olhos vazado.

Embora caolho, viu o suficiente para descrever as guerreiras selvagens, que pela sua pena ingressariam na história e na geografia.³

A lenda tomaria a narrativa do frade assombrado, transmitida a OVIEDO, antes de impressa, para lhe completar o enredo, por maneira que se constituísse o Reino das Amazonas, com a sua constituição original, o regime condenatório da colaboração masculina, só tolerado passageiramente.⁴

² A propósito da fama das Amazonas, GONÇALVES DIAS compôs erudita monografia, que a *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* estampou em seu tomo XXVIII.

Buscou-lhe a fonte na imaginativa criadora de APOLÔNIO, de VIRGÍLIO, de TASSO, que as apresentaram em seus trajes guerreiros. Entretanto, no poeta grego as Amazonas compunham uma cidade, no latim, uma ala do exército, no italiano não passavam da unidade".

Coube ao historiador JUSTINO completar a fantasia dos poetas ao descrever o singular regime instituído em Termidonte, nos confins da Capadócia, onde só viviam mulheres, que periodicamente recebiam a visita de seus aliados vizinhos. Do efêmero himeneu, os filhos eram eliminados, ao passo que as filhas, submetidas a educação marcial, sofriam, em pequenas, para facilitar o manejo futuro de arco e flexas, a amputação do seio direito, "donde lhes veio o nome de Amazonas". A lenda, inconscientemente esboçada pelos próprios europeus, no interpretar a seu modo o depoimento dos naturais, encontrou condições propícias na mente abrasada dos descobridores.

"COLOMBO teve notícias nas Antilhas da existência das Amazonas, RALEIGH a espalhou na Inglaterra, ORELLANA na Espanha". HERNANDO RIVERA ouviu-a no Paraguai, por volta de 1545, conforme depôs sob juramento.

³ "Estas mulheres pareceram-lhe muito altas, corpulentas e brancas com o cabelo trançado e enrolado na cabeça, em pêlo, mas com um ligeiro sendal, com arcos e flexas nas mãos".

Tanto se expunham, ao animar os seus comandados, que não tardaram a baquear 7 a 8 delas, cuja morte arrefeceu o ardor combativo dos atacantes, que desistiram de continuar a luta com armas desiguais.

⁴ Tecida e aperfeiçoada pelos cronistas, a lenda maravilhosa das Amazonas cresceu com a narrativa de OVIEDO, cuja versão não lhes atribuiu o atrofiamento do seio direito, nem o infanticídio, pois que os filhos masculinos eram entregues aos respectivos pais.

RALEIGH localizou-lhes no Tapajoz o reino, em que *viviam*, decididas à luta, "e ricas de baixelas de ouro, que adquiriam em troca das famosas *pedras verdes*".

ACUNÁ, em variante mais acomodada ao mistério, por dificultar curiosas investigações, traça-lhes os domínios pelo vale do Cunuris, com a sede em distante morro escavado — *Ycamiaba*, a que iam ter, em prazo certo, os índios *guacarás*, acolhidos festivamente, depois de vencida a

Não obstante imaginárias, as Amazonas sobreviveriam aos seus descobridores, para emprestar o próprio nome ao rio, que êles iam progressivamente devassando.

A 25 de Agosto, pelo canal do norte, atingem a imensidade sem fim. A vista não encontra obstáculos à frente.

Abeiravam-se do Atlântico, e sem maiores impecilhos a derrota continuou em busca da ilha de São Domingos, onde GONÇALO FERNANDES DE OVIEDO ouviu as primícias do feito memorável de que se fez propagandista.

Com a pena de cronista das Índias, endereçou ao cardeal BEMBO carta circunstanciada, que RAMÚSIO divulgaria, por volta de 1555, na coleção *Delle navigazioni e viaggi*.

Tentativas colonizadoras Pôsto acremente hostilizado por PIZARRO, que lhe arguiu de traição a deserção do País da Canela, tangido pela ambição, conseguiu ORELLANA justificar-se perante o rei de Espanha, que lhe concedeu o título e as honras de *Adelantado* das regiões que descobrira, mediante cláusulas contratuais.⁵

Para cumprí-las, cruzou de novo o Atlântico, à frente da armada, que organizara a propósito, mas em curto prazo baquearia, antes de encetar alguma obra duradoura, na província que tomaria o nome de "Nova Andalucia".

Tornou-se inoperante a sua concessão, como antes ocorrera com a de VICENTE IANEZ (1501), DIEGO DE ORDAES (1530), e, mais tarde, com a de DIEGO DE VARGAS (1559), DIEGO HERNANDEZ (1568).

NABUCO, ao citar-lhes os nomes,⁶ de povoadores fracassados, envolve-os no mesmo rol dos que traziam títulos de outras procedências.

Enquanto Portugal englobava as terras sem dono ao norte, nas doações a JOÃO DE BARROS (1532), a LUIZ DE MELO, (1553), a Inglaterra para lá dirigiu a avidez de ROBERT HARCOURT (1613), de Sir THOMAS CHALLONER e JOHN ROVENSON (1619), e a Holanda esporeava a cobiça de mais de um concessionário, cujos direitos a Companhia das Índias Ocidentais, fundada em 1621, empolgaria sem demora.

As simples datas referidas evidenciam que a anexação do reino lusitano à coroa dos FILIPES aguçou contra o Brasil o apetite dos ini-

desconfiança dos primeiros momentos, quando os recebiam em guarda, como se fôsem possíveis inimigos.

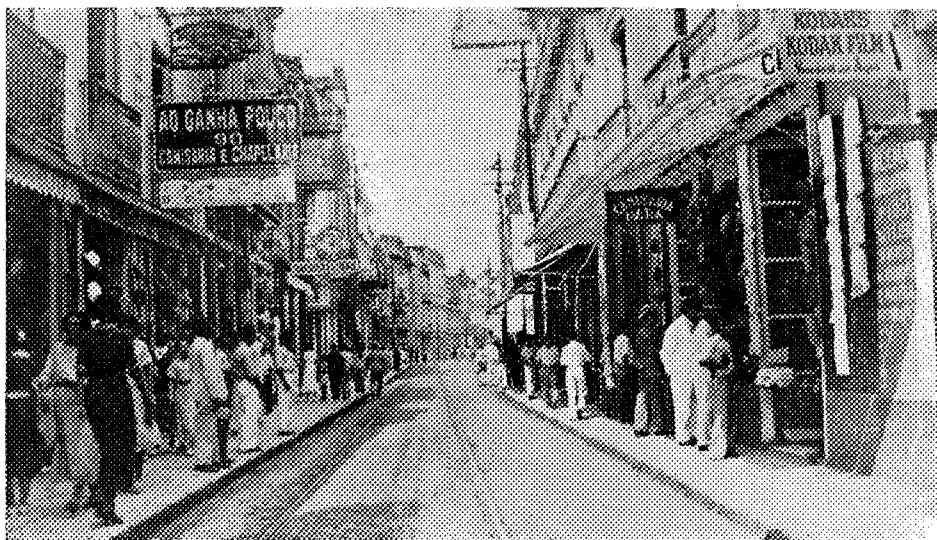
Realizadas as bodas, regressavam os visitantes para as suas aldeias, do mesmo passo que retomavam as suas espôsas de um dia a faina habitual, mantenedora da sua organização sem par.

É de RAIMUNDO MORAIS, *Na Planície Amazônica*, a seguinte interpretação: "Residiam no lago romântico chamado "Espelho da Lua", à margem do formoso Nhamundá, sem maridos, tradução da palavra Icamíabas, nome por que eram conhecidas, enjeitavam os filhos varões".

⁵ TORÍBIO MEDINA, condóido da pecha de traidor, que denegria o nome de ORELLANA, tomou a si o encargo de justificar-lhe o proceder, em exhaustiva memória, que proporcionou os melhores informes a êste resumo, acompanhada da narrativa de CARVAJAL e documentos referentes à viagem aventureira, que se lêem em

JOSÉ TORÍBIO MEDINA — *The Discovery of the Amazon*, translated by BERTRAM T. LEE.
American Geographical Society — Special Publication n.º 17. 1934.

⁶ J. NABUCO — *Première Memoire*.



Belém — Rua João Alfredo.

migos da Espanha, mas, em compensação, ir-lhe-ia, ao diante, contribuir para o aumento dos domínios.

Naquele turbulento primeiro quartel do século XVII, porém, graves ameaças contrariavam a expansão dos domínios luso-brasileiros até o estuário do rio de Orellana, como foi algum tempo nomeado, ou Rio Grande das Amazonas, ou, pela fala indígena: Paraná-Guassú.

Estabelecidos em São Luiz do Maranhão, os condutícios de LA RAVARDIÈRE barravam o caminho dos colonizadores do Nordeste, por aquelas bandas. Daí poderiam alongar os seus domínios para oeste, mais fácil de conquistar de que em rumo de Pernambuco.



Belém — Avenida Castilhos França.

Foi mister expulsá-los e tomar-lhes a cidade incipiente, donde seguiria para a frente, a 15 de Dezembro de 1615, escolhida vanguarda, sob a chefia de FRANCISCO CALDEIRA CASTELO BRANCO.

A 12 de Janeiro seguinte, escolhida a baía do Guajará, para em sua margem assinalar a posse portuguesa, principia a construção do fortim do Presépio, sob cuja proteção Belém, a cidade mais avançada a noroeste, pompearia, sem tardança, as suas galas de capital.

Defesa da posse Ao tempo em que LA RAVARDIÈRE, apoiado em excelente base de operações, pretendia assenhorear-se das regiões circunjacentes, já andavam ingleses e holandeses pela planura cobizada, em tráfico mercantil com os naturais.

Começou o rio majestoso a debruar-se de fortins, que se entendiam às maravilhas no ódio ao comum inimigo.

Urgia emudecê-los quanto antes. Para tamanha missão, mobilizam-se experientes lutadores, entre os quais se extremam os veteranos da vitoriosa campanha recente.

Em 1623, os lusitanos derrotam os holandeses de Orange e Nassau, à margem do Xingú, e de Mariocai, onde surge o forte de Santo Antônio de Gurupá.

Decorridos dois anos, é tomada a posição a que se acolheram em Mandiotuba, bem como o reduto inglês dos Tucujús.

De 29 a 31, perdem ainda os forasteiros a fortificação de Torrego, de Filipe, em que se erguiam as bandeiras da Holanda e Inglaterra.



Belém — Procissão do Cirio de Nossa Senhora de Nazaré — Fotografia tirada do edifício da Companhia Port of Pará, em Outubro de 1938.

Por fim, já em 1632, entrega-se o último forte, de Camaú, na Ponta de Macapá, que ROGER FRAY comandava.⁷

Início de povoamento Varridos os flibusteiros, que se tinham asse-
nhoreado de pontos estratégicos, à beira do
rio acolhedor, fazia-se mister substituí-los no comércio com os descon-
fiados indígenas, muitas de cujas tribus tomaram partido a favor dos
seus primeiros fregueses.

E, mais ainda, tornar efetiva a ocupação do território desconhecido,
mediante núcleos povoadores.

Onde, porém encontrar colonos, que fôssem de bom grado desbravar
as paragens, cujas imaginárias riquezas dependiam ainda de con-
firmação ?

Recorreram à própria nativa população, que, de mais a mais, seria
impelida a proporcionar trabalhadores para os estabelecimentos agro-
industriais do Pará.

A quanto montaria o seu número total ?

Estimaram-no em 3 000 000 de selvícolas os calculistas por ventura
exagerados.

Certo é, porém, que abundavam ao longo, tanto do Amazonas, como
de seus afluentes de maior calibre pelos quais penetrou a ganância dos
preadores de índios, precedidos ou seguidos pelos missionários, que
diificiavam trazê-los suavemente ao convívio civilizador.

Por três maneiras diversas atuariam os novos senhores do vale
imenso, mediante as tropas de guerra, contra as tribus declaradamente
insubmissas ao jugo estranho, ou pelas de resgate, que salvariam da
morte os prisioneiros, para os jungir ao cativo, ou, ainda, por meio
das missões catequistas.

Quando as tropas de guerra embocavam por algum rio, com a mira
em determinada tribu, não lhe tardaria o aniquilamento.

Contra os Tupinambás, que se mantinham indomáveis desde Ta-
puitapera, investem PEDRO TEIXEIRA em 1916, ao regressar da viagem,
ao Maranhão, a que fôra levar as primícias da fundação de Belém,

⁷ Assim resumiu JOAQUIM CAETANO DA SILVA, em *L'Oyapoc et l'Amazone*, os episódios prin-
cipais da luta no Amazonas contra os inimigos da Espanha.

Em Julho de 1623, BENTO MACIEL PARENTE expulsa os holandeses de Gurupá.

Em Maio de 1625, PEDRO TEIXEIRA toma-lhes os fortins de Xingú.

A 24 de Outubro de 1627, PEDRO TEIXEIRA derrota os ingleses em Torrego.

A 1 de Março de 1631, JACOMO RAIMUNDO DE NORONHA expulsa-os do forte Filipe.

A 9 de Julho de 1632, FELICIANO COELHO DE CARVALHO completa a vitória, com o assalto a
Cumaú, última posição, em que se refugiaram os derrotados em anteriores combates.

Síntese mais recente, elaborada por ARTUR REIS em *A Política de Portugal no Vale Amazônico*,
diverge algum tanto das informações anteriores, ao minudenciar episódios dos triunfos luso-bra-
sileiros, alongados por belicosa década.

"Em Maio de 1623, ante os progressos que se observavam nos negócios d'esses estrangeiros,
LUIZ ARANHA DE VASCONCELOS, vindo em missão especial, atacou e tomou os fortins de Orange
e Nassau, montados à margem do Xingú. Caiu também a feitoria de Cajari, onde BENTO MACIEL
PARENTE principiou uma casa, logo destruída pelos holandeses. Ocorreu, ainda, a essa altura, a
tomada do forte levantado entre os Mariocais. Ai, BENTO MACIEL erigiu o forte de Santo Antônio
de Gurupá".

"Em 1625 foi a vez de PEDRO TEIXEIRA, JERÔNIMO DE ALBUQUERQUE, COSTA FAVELA e BALÃO DE
ABREU apoderarem-se do fortim holandês de Madiotuba, e dos que os ingleses mantinham entre
os Tucujus, no Cajari".

JERÔNIMO FRAGOSO e JERÔNIMO DE ALBUQUERQUE, em 1619, BENTO MACIEL PARENTE decorrido apenas um ano.

Por volta de 1627, PEDRO DA COSTA FAVELA alcança os domínios indígenas de Pacajás, afluente do Tocantins.

FELICIANO COELHO, empenhado em abater a resistência dos ingleses, vê-se obrigado a refrear, pelas armas, o auxílio que lhes prestavam os Ingaiabas da região marajoara.

Mais tarde, JOÃO DE BITTENCOURT MUNIZ renova análogos assaltos, até o Jarí, que devassa, aliado aos Aroaquais, para combater os Anibas.

Já em 1663, ou no ano imediato, FAVELA e ANTÔNIO DA COSTA seguem pelo Urubú, onde, a pretêsto de vingar a morte de ANTÔNIO VILELA, que os precedera, arrasam as malocas ribeirinhas.⁸

Longa, a série dos preadores, igualmente referidos por ARTUR REIS, que assaltam, com os seus comandados, os aldeamentos dos selvícolas, destinados a perecer, impotentes diante das armas de fogo, ou a aumentar, subjugados, o número dos prisioneiros, conduzidos para as propriedades rurais, como escravos.

Igual resultado lograram as tropas de Resgate, bem que amantadas por justificativas menos deshumanas.

Os vários agrupamentos indígenas viviam, em geral, a guerrear-se entre si, levados pelo ímpeto vingativo, que jamais se extinguiria, ou insuflados pela solércia da freguesia insaciável. Os prisioneiros, para não serem sacrificados, em cerimônia festiva, viam-se, mal a seu grado, resgatados pelos tendenciosos salvadores que os jungiam ao cativo.

Com tais intuítos, PEDRO TEIXEIRA sobe o Tapajoz, em 1626, o Amazonas, dois anos depois, e, imitando-lhe o exemplo, partem dezenas de sertanistas pelos seus afluentes de uma e de outra banda, que se tornam permeáveis à penetração luso-brasileira.

A pouco e pouco, vão se tornando conhecidos os rios próximos, graças às viagens incessantes dos caçadores de índios, que, sem o pretender, revelavam-se informantes verídicos a respeito da geografia regional.

Maiores consequências, porém, resultariam do reconhecimento de vasta envergadura, confiado a PEDRO TEIXEIRA, que já era um dos mais esclarecidos desbravadores da planície amazônica, além de ter provado a sua bravura nas investidas contra os fortins inimigos.

O govêrno de Castela, às vésperas da arrancada emancipadora de Portugal, em vez de suspeitar da audácia lusitana, decidida a romper jugo humilhante, lobrigava o perigo nas investidas das potências européias, a quem atribuía intuítos de arrebatá-lhe a Amazônia.

Para conjurá-lo, FILIPE IV criou, em 1637, a capitania de Cabo do Norte, réplica imediata à homônima, ideada pela política de RICHELIEU.

⁸ No rio Urubú, assegura LÚCIO DE AZEVEDO, "foram mortos 700 índios, aprisionados 400, e queimadas 300 aldeias".

E doou-a, sem cogitar em possíveis embaraços futuros, a BENTO MACIEL PARENTE, que então se achava no fastígio de sua fama de lutador bafejado pela vitória.

E, mais ainda, ordenou às autoridades regionais que providenciassem a respeito do reconhecimento minucioso da formidável artéria fluvial, da sua embocadura até Quito, para facilidades de tráfego interno, distante das ameaças de correrias adversas.

Contemporaneamente, inesperada ocorrência apressou a execução da ordem filipina, à primeira vista difícil de realizar-se, dada a penúria de recursos disponíveis.

J. PALÁCIOS, à testa de uma diligência militar, penetra nos domínios dos "Encabelados", onde baqueia, com parte de sua gente.

Frei DOMINGOS DE BRIOA e seu irmão de hábito, ANDRÉ DE TOLEDO, possuídos de curiosidade, aceitam a idéia aventada por anônimo soldado português, e, para não perecerem ingloriamente, rodam, em canoa, ao som da correnteza, até aportarem em Gurupá, famintos e semi-nus.

Remetidos à presença do governador do Maranhão, narraram-lhe o que lhes sucedera, na descida aventureira.

A Expedição de Pedro Teixeira Não pretenderia por ventura JÁCOME RAIMUNDO DE NORONHA tão cedo cumprir as recomendações da Metrópole distante.

Mas o relato dos dois religiosos, que saíram de Quito, vararam os domínios dos "Encabelados", a cujas mãos perecera o capitão PALÁCIOS, e conseguiram repetir o roteiro de ORELLANA, aguçou-lhe a atividade governativa, que se apressurou no empenho dos maiores esforços para levar a térmo ousada empresa.

De arrepio, a viagem afigurava-se realmente difícil, e fadada ao fracasso desmoralizador, caso não fôsem tomadas providências adequadas, que a justa previsão aconselhasse.

Bem considerados, porém, os possíveis embaraços, largou a flotilha do Pará, a 28 de Outubro de 1637, constituída por 47 canoas, em que se acomodaram cerca de 2 000 pessoas, entre as



PEDRO TEIXEIRA — "Descobridor, Explorador e Conquistador do Alto Amazonas".

Quis conhecer a cidade de Quito, cujas autoridades lhe festejaram o grandioso feito geográfico, referido no mapa desenhado pelo piloto BENTO DA COSTA.

E como o vice rei do Perú, conde de CHINCHON, ciente dos sucessos, recomendasse que, ao regressar, levasse em sua companhia pessoa idônea para atestar perante o govêrno de Castela os resultados colhidos durante a peregrinação fluvial, PEDRO TEIXEIRA, na descida, conduziria os padres CRISTÓVÃO D'ACUNÃ e ANDRÉ D'ARTIEGA, ao primeiro dos quais tocaria a incumbência de redigir o *Nuevo Descubrimiento del grande Rio de las Amazonas*.

Conta-se que o Relatório informativo do jesuíta maravilhado, depois de impresso com licença real, sofreu confisco rigoroso, que praticamente suprimiu a edição.

Alguns exemplares, todavia, escapariam à apreensão, inclusive o que, reeditado mais tarde, serviu de original para a tradução brasileira.⁹

E, assim, ainda uma vez o rio grandioso, perlustrado por observador arguto, seria descrito em suas peculiaridades reais, a que se ajuntavam as criações da fantasia, especialmente quanto à população regional.

Se o rio Negro figura com a sinonímia herdada dos naturais, que o apelidaram de "Curiguacunã", ou "Uruna", consoante a interpretação dos "Tupinambás", e o Madeira ainda trazia o nome indígena de "Caia-rí", os demais afluentes também ingressariam, com rótulos novos ou tomados à primitiva toponímia, na crônica do jesuíta, que atribuiu a sagaz informante avermelhado impressionantes referências às tribus afastadas das margens.

Eram os "Guaiazís" "anões tão pequenos como meninos de mui pouco tempo", ao passo que os "Mutaiús" se distinguiam pela colocação dos pés, de maneira oposta à habitual, para que o seu rasto não favorecesse o inimigo, que os procurasse.

Virados para trás, quem lhes seguisse a marca no solo, iria cada vez mais se distanciando, quando cuidasse que se aproximava dos fugitivos monstruosos.

Maior esmero, porém, lhe mereceu a notícia relativa às "Amazonas", dominadoras do vale do "Cunurís", que estabeleceram a sede do seu matriarcado no morro escaldado, de nome "Iacamiaba", de que não se aproximava guerreiro algum, além dos "Guacarás", seus aliados, a quem periodicamente distinguiam com as suas concessões costumeiras.

A afirmativa de frei CARVAJAL, em vez de contestação, recebia maior refôrço, embora não se exibissem aos navegantes os famosos guerreiros, que lhe acertaram perigosa flechada no rosto.

⁹ A tradução veio a lume no Tomo XXVIII da *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Mais tarde o Instituto adquiriu um dos raros exemplares da 1.^a edição escapos ao confisco e fogo, que o Dr. MAX FLEUSS, dedicado 1.^o Secretário Perpétuo zelosamente guarda, por bem lhe estimar a alta valla.

Era-lhes definido o domínio, bem como interessantes particularidades do seu viver inteiramente à distância de convívio varonil.

Por isso, o rio que, à chegada de PEDRO TEIXEIRA ao seu alto curso, tomou o nome de São Francisco do Quito, em honra à Ordem franciscana, cujos representantes lhe serviram de guia, e à sede governativa da região, donde fluíam os manadeiros mais altos, seria individualizado por ACUNÃ como rio das "Amazonas", denominação que jamais mudaria, da confluência do rio Negro para jusante.

Acima, porém, tomaria aos índios Sorimões o seu nome, ligeiramente abrandado em Solimões, com que é designado até a barra do Javari, a montante da qual conserva o título primitivo de Maranhão.

Não se limitou ACUNÃ a observar os aspectos da terra percorrida e da sua gente, cuja fantasia criadora lhe rechearia a narrativa de assuntos, que inspirariam futuros poetas.

Não lhe escapou o processo até hoje usado, de colhêr tartarugas na praia, pela rápida viração, que as imobiliza, antes que, em fuga, logrem mergulhar nas águas salvadoras.

Cuidou igualmente de apontar-lhe as possibilidades econômicas, que, em sua opinião, garantiriam o enriquecimento de "um e muitos reinos", desde que se orientassem as atividades industriais para a exploração das madeiras, do cacau, do tabaco e do açúcar. Bastariam êsses quatro artigos para lhes esteiar as economias.

E, por fim, ufana-se de ter impedido a captura da bugrada, pretendida por alguns dos viajantes, que não se conformavam com o desfecho pacífico da expedição, alongada por mais de ano, sem a compensação de nenhum lucro.

Aos primeiros preparativos de assalto ao próximo aldeamento, requereu a PEDRO TEIXEIRA, com a sua autoridade de emissário do Vice-Rei, que o proibisse, pois que as ordens régias se opunham à escravização dos ameríndios.

Fôsse pela intervenção dos jesuítas, ou pelos espontâneos propósitos do comandante, o certo é que se ultimou a expedição a 16 de Fevereiro de 1639, no pôrto de Belém, sem que os naturais sofressem agravo algum, opostamente ao que sucedera por ocasião da viagem de ORELLANA.

Os dois exemplos contrários, legados aos pósteros pelos descobridores do Amazonas, em relação aos selvícolas, orientariam diversamente a ação dos povoadores futuros, que iriam atuar simultânea ou sucessivamente, por meio das tropas de Guerra e de Resgate, ou pela catequese confiada a missionários de várias procedências.

Missões catequistas A viagem memorável de PEDRO TEIXEIRA, ultimada com êxito cabal, evidenciou a imensidão do território devassado, que reclamava ocupação efetiva por quem tencionasse anexá-lo aos seus domínios.

Ainda considerado apenas o trecho da embocadura do Napo, onde o sagaz capitão teria cravado marco indicativo da posse portuguesa, para jusante, sobrava terreno para a escassa população, que se desenvolvera em tórno de Belém.

Urgia mobilizar a bugralhada, por modo que se transformasse em elemento povoador, de acôrdo com os intuitos dos civilizados.

Evidenciava-se inoperante, além de cruelmente deshumana, a transferência forçada dos prisioneiros resgatados, cujo número se reduzia de maneira assombrosa.

“Quando as expedições eram bem sucedidas, conclue J. Lúcio AZEVEDO ao examinar o problema da escravidão vermelha, chegava ao Pará somente a metade: imagine-se o que seria nas outras”.

E acrescenta, em refôrço da afirmativa dolorosa, o que dissera VIEIRA à Câmara de Belém: “por mais que sejam os escravos que se fazem, mais são sempre os que morrem”.

Assim é que não contribuíram os transplantados para o aumento demográfico, em proporção apreciável e mister se fazia experimentar outro processo, que melhormente lhes aproveitasse o concurso.

Recorreu a Metrópole aos religiosos, que se propunham a promover a adaptação do índio à vida civilizada, como praticavam os jesuítas na faixa litorânea e adjacências.

Aos mesmos legionários de LOIOLA tocaria a região dilatada pela margem meridional do rio, com todos os afluentes, sem isentar alguns do lado oposto, inclusive a ilha de Marajó.

Eram os paladinos do evangelho, que escoltaram o primeiro governador geral, e desde então captaram a simpatia régia.

Com análogos propósitos, aportam em Olinda, por volta de 1580, os Carmelitas, seguidos, cinco anos após, pelos Franciscanos. No intervalo, Baía acolhe os Beneditinos.

E arrojam-se às arrancadas mais árduas, sertões a dentro, em busca de selvícolas desconfiados.¹⁰

Intensifica-se, com o concurso prestimoso dos religiosos, o desbravamento da planura sombria, rendilhada de cursos d'água, que lhes proporcionam vias naturais de penetração.

Entre os pioneiros, o padre LUIZ FIGUEIRA remonta, em 1636, a correnteza até o Xingú, onde planeia principiar a sua cruzada, que o martírio interrompeu, sombriamente encerrando o empreendimento catequista.

¹⁰ “Religiosos de Santo Antônio, Jesuítas, Carmelitas, Mercedários, Capuchos da Piedade, Frades da Conceição da Beira e Minho, vieram então para a grande tarefa avangelizadora”, lembra ARTUR REIS em *A Política de Portugal no Vale Amazônico*. Os Franciscanos atuariam mais intensamente para as bandas do Cabo Norte, enquanto os Carmelitas se internariam pelo rio Negro.

Tornava da Europa, acompanhado de quatorze auxiliares, quando, nas proximidades de Marajó, ocorreu fatal naufrágio, de que escaparam, para serem aprisionados pelos temíveis Aruãs, a cujos golpes pereceram.

Mais tarde, JOÃO DE SOUTO MAIOR e GASPARD CARDOSO ampliam-lhe os planos, que recebem eficaz incremento depois que, por Outubro de 1653, o padre ANTÔNIO VIEIRA entra em contacto com a Amazônia, ao saltar em Belém, onde iria comandar memorável campanha em prol da libertação dos índios,¹¹ que os sertanistas continuavam a escravizar, não obstante as garantias emancipadoras outorgadas por longa série de leis metropolitanas.

A peleja alongar-se-ia, sem descanso, por mais de um século, em cujo decurso ora os missionários conseguiam apoio decidido e eficaz das autoridades metropolitanas, ora os suplantavam as exigências económicas dos colonos, cujas indústrias reclamavam trabalhadores às centenas.

A pouco e pouco, todavia, foram se pontilhando as ribanceiras amazônicas de povoações, que se reuniam à sombra de escolhido protetor, sem desprezar a denominação dos seus moradores.

Já em 1660, o carmelita frei TEODORICO navega até o rio Negro, para catequizar os Tucumaus. E chegariam os seus irmãos de credo ao Solimões, em cujo vale os precedera o arrôjo de SAMUEL FRITZ, a serviço da Espanha.

Natural da Boêmia, contaria 32 anos de idade, quando, em Quito, aceitou, por volta de 1686, a incumbência de evangelizar os Mainas.

Achacado de sezões, rodou, em busca de assistência médica, e foi parar em Belém, onde saltou a 11 de Setembro de 1689.

Suspeito pela procedência, o governador SÁ DE MENESES ordenou-lhe a detenção no próprio colégio, em que se hospedara.

E terminada a convalescença, seria recambiado à sua missão, a montante do Solimões, em cujas águas a escolta, que o acompanhava, não lhe consentiu permanecesse, por se acharem compreendidas nos domínios lusitanos.

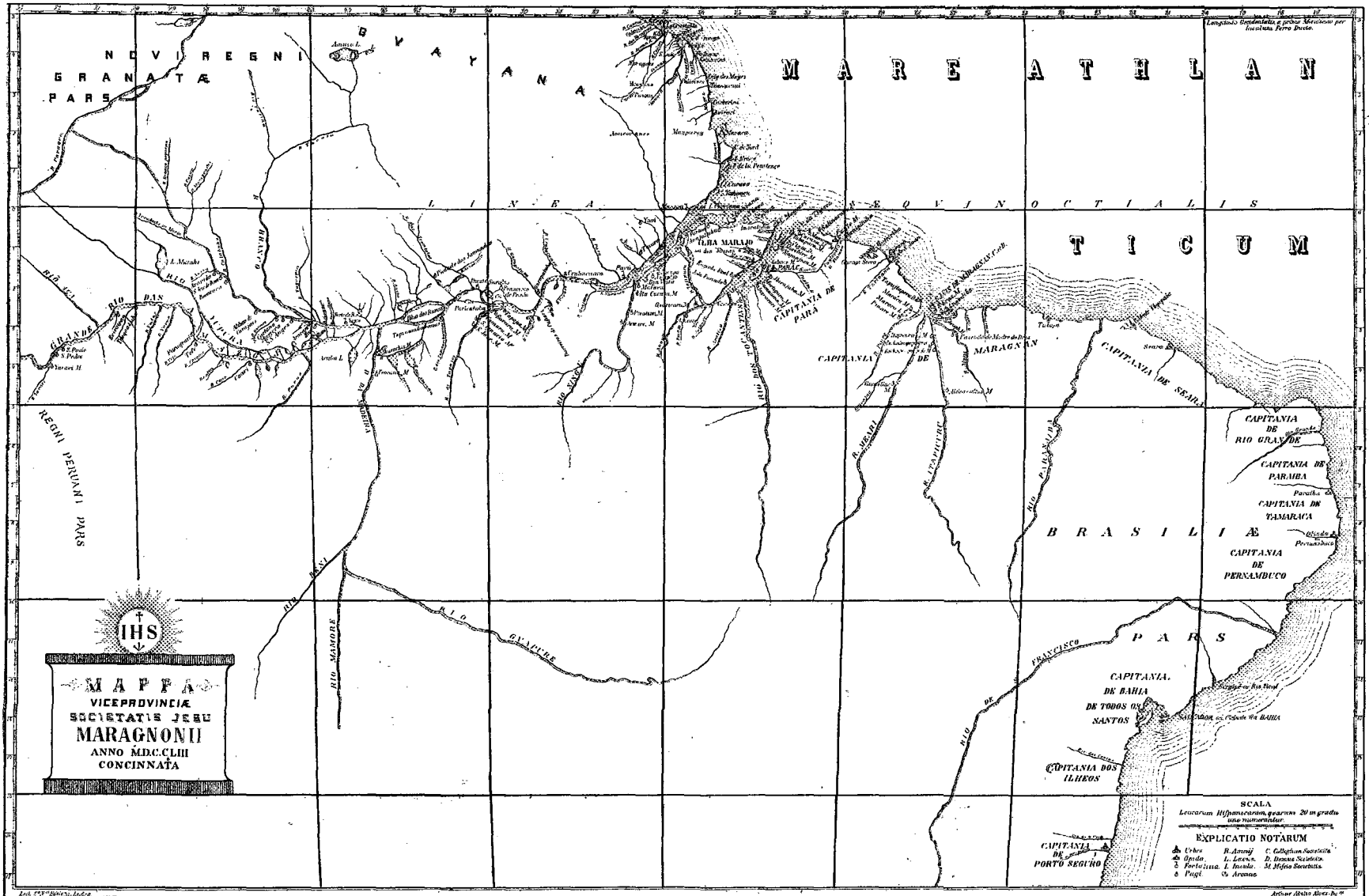
Não se conformou o esforçado missionário, que teimava em sustentar a vigência da divisória tordesilhana, consoante a qual pertenceriam, sem dúvida, aquelas paragens ao imperialismo castelhano.

Daí se causou prolongada série de conflitos raianos, rematados, já no século seguinte, com a prisão do padre SANA, que lhe seguia o programa de marchas para o nascente.

¹¹ A propósito da atuação do padre VIEIRA na Amazônia, informa J. LÚCIO DE AZEVEDO que lhe investigou os feitos.

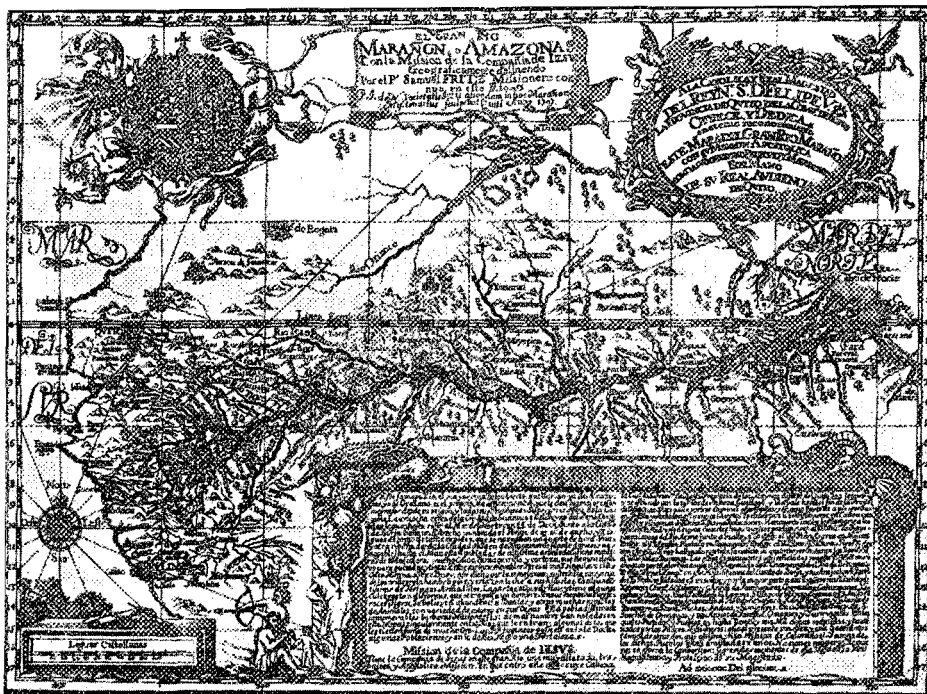
Saiu de Lisboa a 22 de Novembro de 1652 e chegou a Belém a 5 de Outubro de 1653. — De outra feita, apenas empregou 31 dias na travessia, iniciada em Abril de 1655 — Decorridos cinco anos, palmilha a estrada distendida de Belém ao Maranhão, donde volta para reorganizar as missões amazônicas.

Mais tarde, ao regressar de Roma, propõe ao governo lusitano: "Introdução de escravos de Angola por conta da Coroa, proibição absoluta de resgates, desenvolvimento das missões e entrega das aldeias aos religiosos da Companhia".



MISSÕES DA COMPANHIA DE JESUS NO GRÃO-PARÁ E MARANHÃO
 COPIA REDUZIDA DO MAPPA EXISTENTE NA BIBLIOTHECA EBORENSE

Não obstante adversário teimoso de Portugal, o nome do padre SAMUEL FRITZ não se apagou dos fastos da Amazônia, mercê da sua atuação de geógrafo ativo, cujos esforços se patentearam em um dos primeiros mapas divulgados do rio majestoso.



Mapa do rio Amazonas delineado em 1707 pelo Padre SAMUEL FRITZ.

Contida a expansão com que sonhava o missionário boêmio, nem por isso ficariam os ribeirinhos do Solimões privados da assistência religiosa, de que se incumbiram os carmelitas.

Até lá se dilatavam os aldeamentos dirigidos pelos catequistas, que souberam coordenar em torno das suas tôscas igrejas as multidões indígenas, não raro diferenciadas pela diversidade do linguajar.

Nem sempre, todavia, se processava pacificamente a transplantação de tribus, de um para outro sítio, à escolha do missionário.

A repulsa dos naturais manifestava-se frequentes vêzes por ousadas hostilidades, causadoras de represálias impiedosas.

A mais famosa atalhou por algum tempo a ocupação permanente do vale do rio Negro, onde imperava a, chefia de indomável cacique.

Ajuricaba O episódio, mercê do qual o amotinador de broncos guerrilheiros ingressou na história, merece ser lembrado em particular, como símbolo de resoluta resistência ao jugo estranho.

Por lhe bem avaliar o prestígio entre os seus condutícios, que se assenhoreavam de longo trecho do rio Negro, tentou o missionário José

DE SOUSA captar-lhe a simpatia, para que aceitasse viver em paz com os portugueses.

Não perdurou o armistício ajustado pelo jesuíta, que se viu constrangido a solicitar providências belicosas contra o caudilho rebelde.

Ordem régia determinou a organização de coluna punitiva, munida de artilharia, que estrondou nas paragens dominadas pelos Manaus, cujos redutos defensivos foram um a um cedendo, diante da desproporcionada desigualdade de armas.

Aldeia após aldeia rendia-se aos assaltantes, que suplantavam, com o fogo das suas armas, a destreza dos flecheiros fulminados por tiros certos.

Sempre na estacada, animava AJURICABA os seus comandados, que foram baqueando espantosamente, dificultando a continuação das retiradas estratégicas.

Por fim, aprisionados para mais de 2 000 dos seus legionários, além dos que, pela fusilaria, cessavam de combater, foi-lhe impossível evitar a derrota, e prisão.

Ainda assim, porém, acorrentado, empenhou-se em revoltar a tripulação da canoa, que o transportava a Belém, e descoberta a conspiração, preferiu libertar-se pela fuga fatal, a humilhar-se no cativeiro.

Em gesto repentino, atirou-se ao rio e com o pêso das algemas, que lhe tolhiam o movimento, mergulhou rapidamente, sem que os seus perseguidores tivessem tempo de evitar-lhe a ação irremediável, com que praticamente se encerrou a série das maiores hostilidades indígenas.¹²

Legalização da posse Dominavam, sem contraste, os vencedores de AJURICABA, com o auxílio de missionários operosos, quando a Metrópole, orientada, neste particular, pela clarividência patriótica de ALEXANDRE DE GUSMÃO, empreendeu dar feição legal à expansão lusitana pela planície amazônica.

Negociaram os plenipotenciários, e o Tratado de Limites de 1750, ao considerar o avanço da onda povoadora, impelida de Belém para oeste, ao longo de majestosa artéria fluvial e seus galhos mais calibrosos, firmou raias, que espantariam o irredutível missionário dos Mainas, padre SAMUEL FRITZ, último defensor da linha ajustada em

¹² LUCIANO PEREIRA DA SILVA mencionaria outros castigos devastadores, que sofreram várias tribus rebeldes.

Assim, contra os índios do rio Urubú, que exterminaram a escolta protetora do frei RAIMUNDO, da Ordem das Mercês, seguiu PEDRO DA COSTA FAVELA, à testa de uma expedição, que, em Janeiro de 1665, extinguiu os Caboquenas e Guanavenas.

Mais tarde, o martírio do frei MATIAS DINIZ no Solimões, do carmelita ANTÔNIO DE ANDRADE, que os Jumas assassinaram no lago Cupacá, bem como os assaltos dos Turás, do Madeira, foram implacavelmente vingados. (*Dicionário Histórico e Etnográfico do Brasil* — vol. 2) fl. 70.

Tordesilhas, antes que o Brasil aflorasse à vista de europeus deslumbrados.

A audácia anônima dos sertanistas, acrescida pelo esforço perseverante dos reinóis, investidos de alguma parcela de autoridade, corava-se de êxito incontestável, que lhes reconhecia o direito de permanecer na posse do território imenso, cujos segredos devassaram, em viagens incessantes, pelos rios e igarapés, pelos paranás e lagos, que formam intrincado labirinto fluvial.

Já poderiam, a salvo de qualquer litígio, desenvolver as suas atividades, cuja importância não tardaria a causar a criação de uma capitania, especialmente dedicada aos problemas da Amazônia.

São José do Rio Negro A FRANCISCO XAVIER DE MENDONÇA FURTADO, capitão general do Estado do Grão-Pará, que deveria superintender os trabalhos demarcatórios das raias delineadas em Madri, caberia, por ventura, a sugestão de emancipar administrativamente a alta Amazônia do governo de Belém.

Em primeira viagem de reconhecimento do território que lhe estava sob a jurisdição, transmontou o rio Negro, até aonde lhe foi possível, e assombrado pelas dificuldades resultantes das distâncias, que percorrera, lembrou ao irmão, SEBASTIÃO JOSÉ DE CARVALHO e MELO, que já ingressara no valimento do rei D. JOSÉ, de quem lograria o título de Conde de Oeiras e Marquês de Pombal, indicativos de poderio incontrastável, a conveniência da divisão imposta pelos imperativos geográficos.

Assim, da carta régia de 3 de Março de 1755 gerou-se a capitania de São José do Javari, cuja sede iria fixar-se na faixa fronteiriça, semelhante ao que sucedeu na vizinha capitania de Mato Grosso, cujo primeiro capitão general, D. ANTÔNIO ROLIM DE MOURA, orientado por análogas recomendações, estabeleceu a capital à beira do vaciano Guaporé.

Ao cuidar, porém, da execução da ordem que lhe enviara a Metrópole, FRANCISCO XAVIER preferiu deter-se na aldeia de Mariuá que frei MATIAS DE SÃO BOA VENTURA fundara à margem do rio Negro, por volta de 1728, sob a protecção de N. S. da Conceição.¹³

Aí aportou a 4 de Maio de 1757, e decorridos apenas dois dias, a localidade alcançava as insígnias de vila, trocada a sua denominação indígena pela de Barcelos, do mesmo passo que o Rio Negro substituía o Javari no título da capitania.

¹³ Ao tratar da fundação de Barcelos, que visitou, meio século após, informou ALEXANDRE RODRIGUES FERREIRA que frei MATIAS, ameaçado de morte pelo "principal" Baçuriana, da nação Manoa, na aldeia de Jupurá, fugiu para a de Camandari, que o acolheu de boa cara.

Decorridos três anos de cordial convívio, conseguiu com a sua gente fundar a aldeia de Santo Eliseu de Maruá.

"Eram Manaus da nação os que foram descidos pelo primeiro missionário", acrescenta o naturalista baiano.

O segundo lhes ajuntou os Barés e os Banibas.

Mudanças de rótulos A substituição de topônimos, mediante os quais FRANCISCO XAVIER começaria a lusitanizar os núcleos de povoamentos dispersos pelas margens do Amazonas, do rio Negro, e seus principais tributários, não se restringiria à capital, que o governador julgaria destoante de seu cargo, enquanto perdurasse o nome primitivo.

Para outros centros de condensação humana, cuja denominação conservava a lembrança dos selvícolas que a povoaram, transplantou-se a terminologia usual em Portugal, destinada a apagar-lhes da fachada a origem indisfarçável.¹⁴

Eram, em maioria, constituídos pelos aborígenes, cujo predomínio racial se espelhava na linguagem herdada dos seus ancestrais, nos costumes e sentimentos, nas indústrias, que ensinaram aos invasores de suas terras.

Viviam à sombra das "Missões", contra cujos religiosos POMBAL desencadeou violenta ofensiva, rematada pela expulsão.

Adstrito à orientação do ministro poderoso, o irmão, responsável pelo govêrno da Amazônia, a pouco e pouco foi afastando os missionários, à medida que se ultimava a adaptação do "Diretório" às peculiaridades regionais.

Composição racial Pelo novo regulamento, tocaria a chefia das localidades às pessoas devidamente escolhidas, em geral de procedência lusitana, sob cujo mando não melhoraria o triste fadário dos naturais, como testemunhou ALEXANDRE RODRIGES FERREIRA¹⁵ na penúltima década do século XVIII, consoante cuja opinião "será mais conveniente formar menos e mais populosas, do que incultas e insignificantes, porque desta qualidade só servem de fazer despesas, e de ocupar mais párcos e diretores, sem o menor proveito".

Todavia, continuou o regime instituído por MENDONÇA FURTADO, ao tempo em que desmedravam os povoados ribeirinhos.

¹⁴ Lembrem-se, a propósito, algumas localidades conhecidas por nomes indígenas que foram substituídos.

Missão de Troceno	transfigurou-se em Vila Borda a Nova, desde 1.º de Janeiro de 1756
>	> Curuçá em Vila Nova d'El Rei.
>	> Araticú > Vila de Oeiras, a 20 de Janeiro de 1758.
>	> Guaricurú em Melgaço 23 > > >
>	> Arucara > Portel 24 > > >
>	> Guarimucú > Arraióles 20 > Fever. > >
>	> Tuaré > Esposende 21 > > >
>	> Parí > Almerim 22 > > >
>	> Gurupatuba > Monte Alegre 28 > > >
>	> Borari > Alter do Chão 6 > Março > >
>	> Tapajoz > Santarém 14 > > >
>	> Cumarú > Franca 17 > > >
>	> Pauxis > Óbidos 25 > > >

¹⁵ Se estão bons para trabalharem, escreveu o douto viajante, trabalham mais do que comem, porque sempre viverão a jejuar, não de pão, mas de farinha e água, que é o que por aqui chamam caribé, "sim, eles não morrem à míngua, de repente; mas o trabalho e o jejum quotidiano insensivelmente lhes faz beber a morte em diversos tragos; chega a doença, que há muito está forjada e neste caso o diretor não os trata como os tratava o seu Padre; porque nem há botica, nem povoação provida, ao menos dos remédios mais domésticos".

Decorrido século e meio, outro observador sagaz, ARAÚJO LIMA, atribuiu à mesma causa — alimentação deficiente — a aparente apatia do caboclo amazonense.

Pela estimativa de BAENA a população da capitania, distribuída por 29 568 fogos em 1788, alcançava apenas o número de 37 322 habitantes em 1825, e não excederia de 18 843, oito anos depois.¹⁶

A contestar-lhe o resultado, LOURENÇO AMAZONAS apresentou, em 1852, cálculo mais vantajoso, de que rompe a indicação da preponderância da componente racial indígena, com 57,5 %, além de 26,8 % atribuídos aos mamelucos, em cujo sangue predominava a contribuição aborígene, ao passo que os brancos apenas alcançavam 8,5 %, os mestiços, 4,9 % e os escravos não passavam de 2,3 %.

A supremacia indígena, denunciada pela inflexível eloquência das cifras referidas, atenuar-se-ia em consequência de trágico flagelo em paragens distantes.

Êxodo nordestino Exposto às calamidades cíclicas das sêcas angustiantes, contra cujas fatais consequências não se empreendera ainda campanha alguma de defesa sistemática, o povo do Nordeste abrasado viu-se impellido, desde 1877, a refugiar-se na planície amazônica a êsse tempo esperançosa de prosperar com os resultados da indústria seringueira.

Encetada em meio do século, a sua produção começou a figurar nos quadros de exportação¹⁷ desde 1853, modestamente pela quantidade de 1 575 kg para só ultrapassar o primeiro milhão, ao abrir-se a década de 70, depois de franqueado o Amazonas à navegação.

¹⁶ A distribuição feita por BAENA define o rumo seguido pelos povoadores.

RIOS	Povoações	Fogos	Habitantes livres
Negro.....	26	552	8 031
Branco.....	3	47	637
Uaupés.....	1	11	122
Xié.....	1	6	40
Amazonas (até Tabatinga).....	13	876	5 265
Madeira.....	2	36	601
Canumá.....	1	180	366
Maué-Assú.....	1	282	1 689
Furo Uarirá.....	1	17	253
Uatúnia.....	1	18	332
Jatapú.....	1	22	485
	51	2 047	17 881
Escravos.....	—	—	962
			18 843

Não se incluíram neste cômputo os índios ainda bravios.

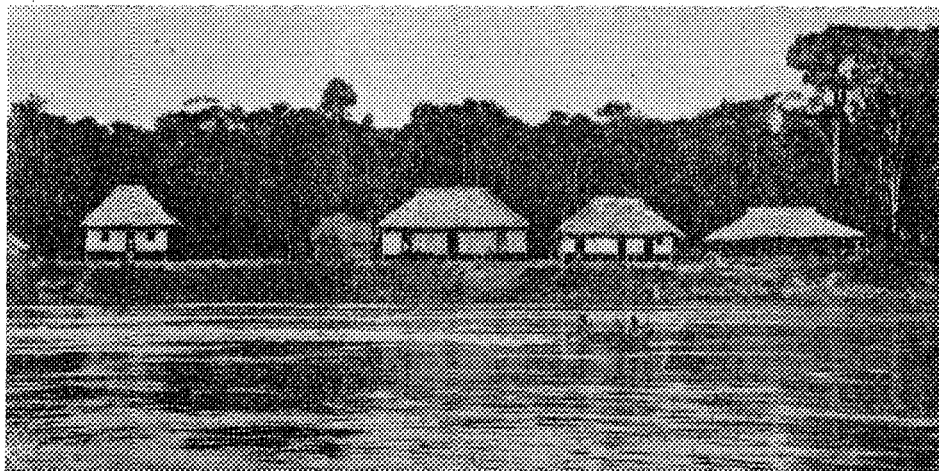
Mas, "em 1840, informa o major FREDERICO RONDON em seu magnífico ensaio — *Pelo Brasil Central* — a então Comarca do Alto Amazonas possuía 40 584 habitantes, sendo 23 239 indígenas domesticados pertencentes a várias tribus, entre outras:

- Manaus, Borés, Passés, Baniuas, no rio Negro;
- Catauixis, Macuxis, Jumas, Paravianas, no rio Branco;
- Campebas, Ticunas, Maranás, Jurimas e Juris, no Solimões;
- Ipurinás, Jamandis, Muras, Faumaris e Mauateneris, no Purús;
- Miranhas, no Japurá e no Içá;
- Mundurucús, Maués, Torás e Parintintins, no Madeira.

¹⁷ Tal indicação, fornecida pela estatística, é apenas aparente, e referida à província do Amazonas, que perdeu a autonomia em 1822, para somente a recuperar por lei de 1850.

Por isso, incluía-se-lhe a exportação na do Pará, a que se anexara.

Na realidade, a produção extrativa da borracha na Amazônia principiou, embora modestamente, algumas décadas antes, como evidenciam os dados abaixo.



Amazonas — Tipos de habitação dos seringueiros.

Já tinha dobrado de pêsco e de valor, quando a grande sêca indicou aos retirantes a Terra da Promissão, onde havia demasia de aguadas e de trabalho remunerador.

Encaminharam-se para a Amazônia, cujos povoadores, de origem indígena, em grande parte, quando não se mantinham extremes de fusão sanguínea com outras raças, preferiam estanciar nas proximidades do coletor grandioso com o qual se achavam hereditariamente familiarizados.

Livres de maiores caminhadas, encontravam, ao alcance de suas machadinhas, as árvores de "látex" incomparável, cuja sangria, facilitada muitas vêzes pelo "arrôcho", lhes permitiu iniciar a indústria seringueira que daria fama àquelas paragens.

Quando começaram a chegar os emigrantes do Nordeste, já não encontrariam a mesma facilidade para escolha de glebas no Baixo Amazonas, ou por ventura o próprio impulso emigratório os empurraria para as terras distantes, cujo devassamento contribuiriam a ultimar.

Exploraram o Purús, o Juruá e seus afluentes, que os levariam a desbravar o território do Acre, derradeira expansão do povoamento bra-

Exportação da borracha:

Em 1827 — 31 365 kg no valor de.....	9:361\$000
> 1837 — 289 920 > > >	114:747\$000
> 1847 — 624 690 > > >	272:448\$000

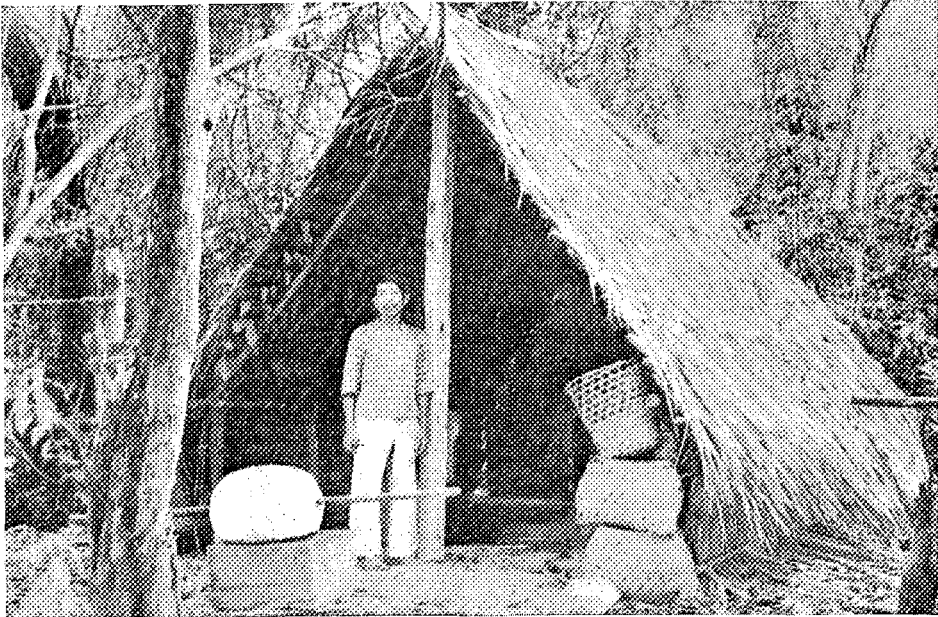
A partir de 1857, Pará e Amazonas, com os seus respectivos portos, anotam o seguinte movimento, registado no primeiro volume de "O Brasil — suas riquezas naturais — Suas indústrias".

AMAZONAS		PARÁ	
ANOS	Kg	ANOS	Kg
1853.....	1 575	1853.....	2 365 285
1860.....	208 965	1860.....	2 463 525
1870.....	1 360 575	1870.....	5 241 051
1880.....	3 382 396	1880.....	5 317 009
1890.....	10 710 813	1890.....	4 644 687
1901.....	15 694 041	1901.....	13 487 403
1905.....	15 253 029	1905.....	16 221 786

sileiro por aquelas bandas, cujos limites o Tratado de Petrópolis, de 17 de Novembro de 1903, definitivamente fixou.¹⁸

Em cada seringueiro incubou-se valioso auxiliar dos geógrafos, como os que serviram de guia atilado a CHANDLESS e a J. M. DA SILVA COUTINHO.

Não se carteavam com as estrêlas, mas sabiam esquadrinhar os segredos da terra dadivosa, onde se aclimaram, seduzidos por excitantes promessas de enriquecimento fácil.



Seringueiro à porta do seu rancho, onde se vêem utensílios vários e látex coagulado na forma usual, aproximadamente esférica.

E quando se fizesse mister, prontamente se transfigurariam em fronteiros resolutos, para a defesa da soberania brasileira naqueles rincões remotos, que a sua audácia povoara, à custa de sacrifícios inenarráveis.

¹⁸ "Na primeira metade do século, ensina RAMIZ GALVÃO, ao traduzir a clássica obra de E. RECLUS, um certo JOÃO CAMETÁ, e depois em 1852 um pernambucano chamado SERAFIM, exploraram o Purús em nome do governo brasileiro, um até 1 200, outro até 2 100 km da foz; mas a primeira expedição verdadeiramente seria em 1860, foi dirigida pelo mulato MANUEL URBANO, e este viajante foi também o principal informante de WILLIAM CHANDLESS que em 1864 e 1865 explorou o rio e seu afluente Aquiri, determinando-lhe os pontos astronômicos e levantando a carta".

Ao comentar a afirmativa transcrita, A REIS data de 1852 a primeira entrada de JOÃO RODRIGUES CAMETÁ, por ordem do Presidente do Amazonas, TENREIRO ARANHA, que também incumbiu, no mesmo ano, o prático ROMÃO JOSÉ DE OLIVEIRA de explorar o rio Juruá.

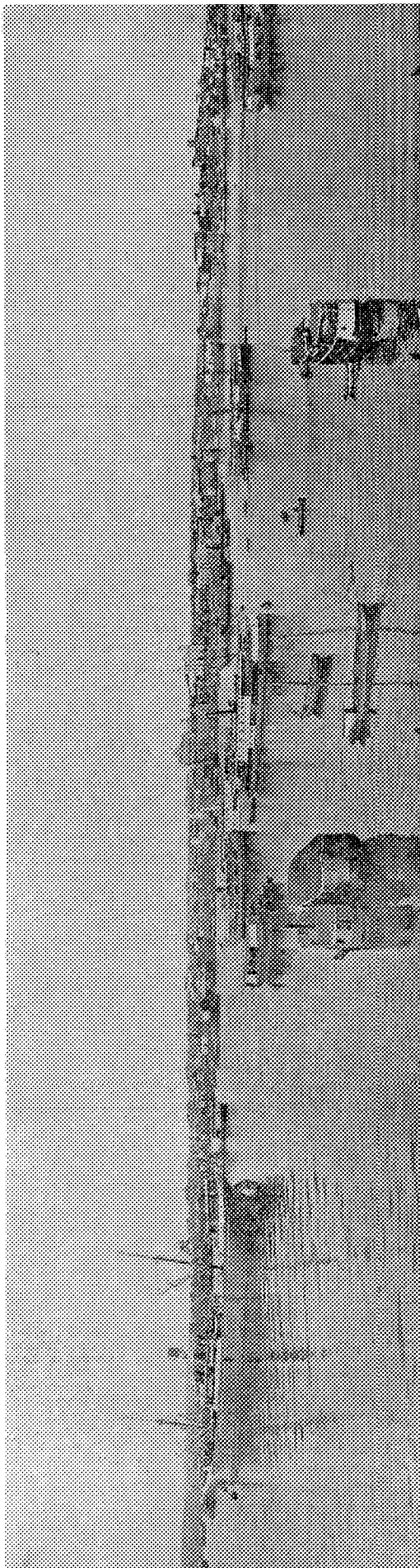
O povoamento dar-se-ia contemporaneamente, mercê do entusiasmo comunicativo de URBANO, que se tornou "o mediador entre as gentes novas que buscavam aquele rio e as tribus bravias, que lhe ocupavam as margens".

"Principiou, por essa época, a localização dos brancos. Até então, apenas no médio Purús, habitava um preto, de nome HIGINO".

"Os povoadores encontravam para os seus negócios, esclareceu ainda A. REIS, seringa, salsa, castanha, óleo de copaíba, manteiga de tartaruga e outros gêneros, que comerciantes de Manaus, Anamá e Manacapurú iam extrair no Mucuí e no Tapauá. Em 1857 o imigrante cearense JOÃO GABRIEL DE CARVALHO E MELO, com quarenta famílias do Maranhão e do Ceará, estas tangidas para aquela Província pela sêca de 1845, estabeleceu-se perto da foz do Purús, no Itapá, de onde se deslocou, em 1862, para o Beruri, e para o Tauariá, entre o igarapé Mapixi e a ilha do Purupuru-Carneira, onde iniciou o cultivo da salsa".

Foi ainda CARVALHO E MELO que, auxiliado pelos retirantes de 1877, iniciaria o devassamento do Acre. E assim "segundo LABRE, em 1879, já havia no Purús e seus afluentes 25 000 habitantes".

Ao findar o século, contaria o Acre cerca de 60 000, conforme avaliou RIO BRANCO.



Manaus — Panorâmica geral da cidade e pórtico, em 1902.

O cearense, nome pelo qual mais geralmente se tornou conhecido o nordestino,¹⁰ pela afluência maior dos filhos do Ceará no trágico êxodo, ao trocar o ambiente ressequido e sobremaneira aclarado, pelo sombrio, em que sobeja a umidade, preferiu mudar inteiramente de profissão, para se dedicar à produção da borracha, que lhe abraçava o entusiasmo aventureiro, rios a dentro, até às mais remotas cabeceiras.

Seria radical a transformação, por meio do trabalho, diferente do costumeiro, da alimentação, da segregação no seio da floresta.

Lavrador, ou vaqueiro, no torrão natal, onde o olhar se espraia, não raro, por amplos horizontes, acostumou-se à espontânea cooperação nos motirões, em que se reúne a vizinhança para as tarefas superiores ao esforço de um só obreiro. . .

Em tal emergência enfeixam-se as energias individuais, orientadas para a tarefa escolhida, em benefício de quem a promoveu, daí por diante obrigado a retribuir aos parceiros iguais serviços.

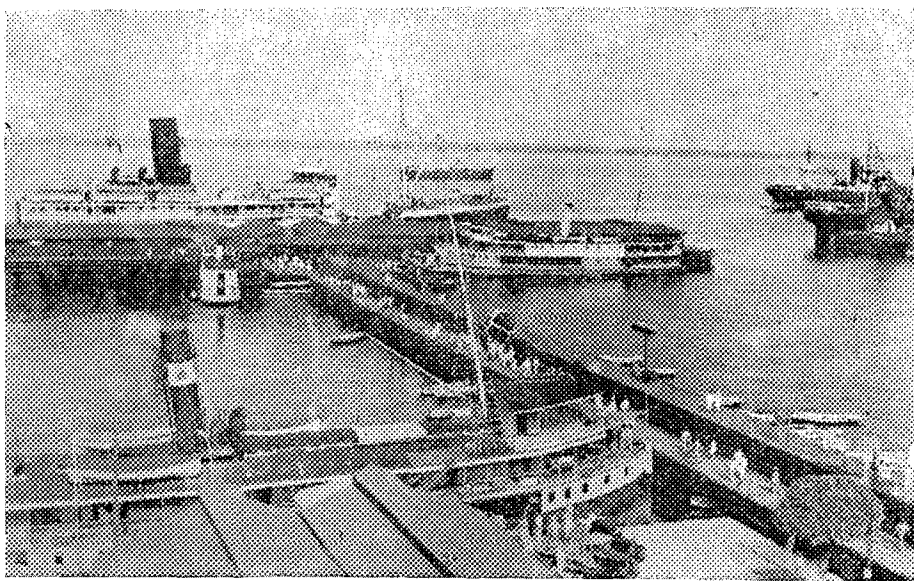
Na Amazônia, o sistema, que se desenvolveu, afastava uns dos outros os sertanejos, cuja exis-

¹⁰ O nordestino, transferido para a Amazônia, também recebeu a denominação de *paroara*, embora este gentilício primitivamente correspondesse apenas à significação que registou ALEXANDRE RODRIGUES FERREIRA em sua *Miscelânea Histórica* de 1874; "paroara — assim se diz pela língua da terra dos naturais do Pará" — (*Brasiliana* — 144).

tência iria desdobrar-se de maneira afeiçoada ao regime espontaneamente estabelecido.

Constituiu-se, a propósito, a cadeia de interesses, que enlaçavam, das florestas ao alto comércio de exportação, os trabalhadores, denominados “seringueiros”, aos patrões, que eram “seringalistas”, e seus fornecedores, negociantes atacadistas nas praças de Belém e Manaus, a quem se aplicava o apelido de “aviadores”, por aviarem aos seus fregueses, ou “aviados”, os pedidos de gêneros, mercadorias, até adiantamento de numerário, por sua vez ligados aos exportadores, a quem recorriam, quando minguidos de capital circulante.

No primeiro círculo principalmente, manifestar-se-iam as consequências do isolamento em que viveriam os desarraigados de suas querências.



Manaus — Vista parcial do porto.

Contratados pelo possuidor de terras, onde medrassem as héveas, começavam os recenhegados por vender-lhe a futura safra, por conta da qual recebiam o fornecimento do que mais necessitassem.²⁰

Munidos de carabinas e munições, que lhes garantissem a carne verde, proporcionada pela caça, de conservas alimentícias, de vestimenta, e artigos imprecindíveis, internavam-se, rio acima, até o sítio, onde construiriam o seu rancho de pachiúba, colmado de palmas.

²⁰ A propósito da aplicação do instituto da posse, à revelia das autoridades governativas, ensina historiador bem informado:

“As terras iam sendo ocupadas sem a intervenção legal. O povoador situava-se onde bem entendia, levantava o seu abarracamento e se atirava, com a ajuda do indígena, à colheita das espécies vegetais que Manaus comprava. Nada de legalizar títulos, nada de aquisição regular das faixas de terra que desbravava. Era o domínio da terra de todos. Quem chegava primeiro era o senhor. Mandava e todos obedeciam. Em 1862, quando SILVA COUTINHO subiu o rio, até Hiutanaã, encontrou quatorze sítios ou barracas, desde a foz (sítio de Canutama), que MANUEL URBANO desbravara com auxílio dos Palmeris”. (ARTUR CÉSAR FERREIRA REIS — *A Conquista do Acre*).

Daí partiriam as “estradas”, rótulo pomposo de tôscas “picadas” zigzagueantes, que lhes competiam abrir, de árvore a árvore, em número suficiente para a colheita habitual.

A caminhada diária limitaria a área entregue a cada um, em que não poderia penetrar o parceiro contíguo, sob pena de prejuízos recíprocos.

A componente agremiadora diluía-se na floresta, com o afastamento dos seus habitantes, cujas ligações apenas se mantinham pela navegação fluvial mais ou menos morosa e espaçada.²¹

Como fôsse desprezada a distribuição de horas de serviço para a lavoura, quando não proibida terminantemente pelo seringalista, os alimentos provinham, fora da caça e da pesca, das conservas algum tanto deterioradas, ou pelo menos destituídas de elementos essenciais à nutrição.

Em consequência, desencadeou-se grave epidemia de morbos fatais, que malignaram a fama da Amazônia.

Ao examinar-lhes as características, ARAÚJO LIMA, conhecedor sagaz das peculiaridades regionais, atribuiu-lhes a causa à carência de vitaminas, causada por defeituosa alimentação.

A contraprova seria proporcionada pelos ensinamentos da crise derreante, quando se viu obrigado cada seringueiro a agricultar a sua gleba, uma vez que o preço da borracha não mais daria para esbanjamentos nos armazéns dos aviadores, também alcançados pela falência generalizada.

Na quadra faustosa, porém, cujo declínio começou logo após o fustígio de 1910, não sobejava atenção para a organização de cardápios racionais.

Todos os esforços convergiam para o “fabrico” promissor, cujos produtos, de peso próximo a 40 000 toneladas em 1910, valiam 15\$000 e até 17\$000 por quilo, antes que as plantações do Oriente abarrotassem os mercados consumidores com a sua colheita crescente, ocasionando a

²¹ Não obstante ser a via fluvial quase a exclusivamente frequentada na Amazônia, a navegação regular só principiou a 1.º de Janeiro de 1853, por esforços de IRINEU EVANGELISTA DE SOUSA.

“Foi, pois, o *Marajó*, escreve um sabedor dos fatos regionais, o primeiro navio mercante de vapor que sulcou as águas do grande rio (de Belém a Manaus), tendo sido precedido, porém, pelos navios de guerra *Guapiassú* e *Tetis*, dos quais o primeiro partira de Belém em 28 de Julho de 1843, conduzindo uma comissão enviada pelo governo Imperial para explorar o rio Branco, composta do coronel FREDERICO CARNEIRO DE CAMPOS, do capitão de engenheiros INOCÊNCIO VELOSO FERREIRAS e do engenheiro TOULOUS. Esse mesmo navio voltou a Manaus para conduzir o primeiro presidente inaugurador da Província do Amazonas, JOÃO BATISTA DE FIGUEIREDO TENREIRO ARANHA, que tomou posse em 1.º de Janeiro de 1852”. (*Dicionário Histórico-Etnográfico do Brasil* — Vol. II).

A abertura do Amazonas aos “navios mercantes de tôdas as nações” verificou-se a 7 de Setembro de 1867, em virtude do Decreto 3 749 de 7 de Dezembro anterior.

Depois dessa data, organizou-se em Londres a “Amazon Steam Navigation Company Ltd.”, à qual IRINEU EVANGELISTA, Barão de Mauá, transferiu o contrato de sua empresa.

E outras surgiram, com o propósito de distender linhas de navegação por todos os afluentes que propiciassem desenvolvimento económico.

Assim, “em 1869 a Companhia Fluvial do Alto Amazonas dava início ao serviço (de navegação do Purús) até Hiutanhaá, com o vapor “Madeira”. “A navegação a vapor abriu, então, perspectivas magníficas à colonização do grande vale.

De par com os barcos da “Fluvial” outras empresas particulares concorreram.

Cerca de quarenta regatões, em barcos a vela, partindo de Manaus, Manacapurús, Anamá, Coda jaz, corriam o Purús”.

(A. REIS — *A Conquista do Acre*).

depreciação progressiva da borracha até cêrca do décimo daquele valor entonteante.²²

A contribuição asiática, montante apenas a 8 200 toneladas em 1910, já suplantava, decorridos três anos, não só a da Amazônia, como a do Brasil, por atingir a 47 618. Em consequência da desvalorização resultante de tão repentino aumento da produção mundial, ruiu tôda a indefesa estrutura econômica amazônica escorada na borracha.²³

Os seringueiros, assoberbados pelas dívidas contraídas com os seus patrões, por mais que forcejassem, já não obteriam, no encontro de contas, os saldos de fim de safra, a que se achavam acostumados para as suas prodigalidades nos centros urbanos, em que esqueciam, por meses de divertidas férias, entre safras, a penosa labuta à sombra das florestas imponentes.

Por seu lado, os patrões, com o triplo, embora, da colheita anterior, mal lograriam amortizar pequena parte de dívida contraída com os fornecedores, cujas finanças também se desequilibraram irremediavelmente.

Exportador houve que, mandando o seu carregamento para o mercado londrino, verificou, em má hora, que o resultado da venda mal daria para cobrir as despesas de transporte desde os seringais distantes.

²² A crise, que prostrou a Amazônia, define-se por cifras eloquentes, que dolorosamente contestaram o conceito do Dr. VENCESLAU BELO, quando ao tratar da *Indústria Extrativa*, em *O Brasil — suas riquezas naturais*, comentou: "Dizem alguns escritores que as colônias asiáticas esperam com o cultivo das héveas conquistar ao Brasil a hegemonia na produção do *Pará rubber*, ou seringa.

Vã esperança parece-nos essa, por mais remuneradora que seja atualmente a cultura da seringueira nessas regiões".

Todavia, a realidade não tardaria a contrariar-lhe a previsão otimista, baseada nas cifras anteriores a 1907.

As cotações em Liverpool subiram constantemente de 7\$600 em 1903 a 8\$400 no ano seguinte, por quillo, para alcançar a média de 14\$550 em 1910, com o máximo em algumas transações, de 17\$200.

Fomentada por tamanho lucro, a produção amazônica montaria a

39 452 toneladas em 1909
38 000 " " 1910

quando a produção mundial ainda permanecia na casa de 70 000 toneladas.

Já em 1912, a cotação baqueava a pouco mais de 7\$000, e escorregava pelo plano inclinado, que iria terminar no convênio restritivo da produção, entre os plantadores de Ceilão, quando a indústria extrativa na Amazônia agonizava em triste colapso.

²³ A contribuição da borracha para a economia nacional, a que devem Manaus e Belém os esplendores de capitais modernas, põe-se de manifesto no resumo estatístico referente a 1905, que lhe estimou a exportação em 226.174:217\$000, logo abaixo do café, no valor de 324.681:261\$000.

Em seguida ao apogeu de 1910, e à medida que subia o contingente das seringueiras plantadas, baqueava a produção brasileira, como apontam as cifras a seguir:

PRODUÇÃO DO ORIENTE		PRODUÇÃO DO BRASIL	
ANOS	Toneladas	ANOS	Toneladas
1910.....	8 200	1910.....	40 800
1915.....	107 867	1915.....	37 220
1920.....	304 816	1920.....	30 790
1925.....	481 955	1925.....	27 380
1930.....	800 808	1930.....	17 137
1932.....	701 360	1932.....	6 550
1934.....	999 852	1934.....	10 540
1935.....	843 197	1935.....	13 330
1939.....	966 761	1939.....	15 070

E por isso, a borracha, depois de ter figurado com a porcentagem de 39,1 % no valor da exportação brasileira em 1910, (376.972:860\$000 em total de 939.413:649\$000), restringiu-se a 0,4 % em 1932, para ir ronceiramente subindo até 1,56 % em 1940.

Dai se causou a derrocada na economia regional, que transformou, ainda uma vez, os hábitos dos moradores, por forçá-los a recorrer à agricultura para a própria subsistência.

Os mesmos seringueiros, que desprezavam o amanho do solo, como inadequado aos produtores de borracha, não tiveram dúvida em experimentar-lhe a promissora fertilidade, que os surpreendeu.

Persistiram nas terras ocupadas, cujos proprietários sossobraram financeiramente.

E hoje, dos destroços da organização fracassada, ressurge a Amazônia, robustecida pela sua agricultura nascente, que facilita a manutenção da produção extrativa, a que se acha predestinada, desde a era colonial, quando as "drogas do sertão" proporcionavam preciosos artigos de escambo mercantil.

Depois, o cacau, a castanha, a balata, além de madeiras várias, absorveram, cada qual a seu tempo, ou simultaneamente, até a atualidade, os esforços dos habitantes, fôssem os desambiciosos caboclos amazonenses, fôssem os imigrantes, seduzidos por excitantes promessas de enriquecimento fácil.²⁴

A lavoura modernamente entra a corrigir os defeitos das explorações apressadas e destituídas, até então, de base firme de apoio.²⁵

²⁴ Depois do colapso, causado pela desvalorização da borracha, os produtos da indústria extrativa ainda figuraram nos quadros estatísticos da maneira abaixo:

1933

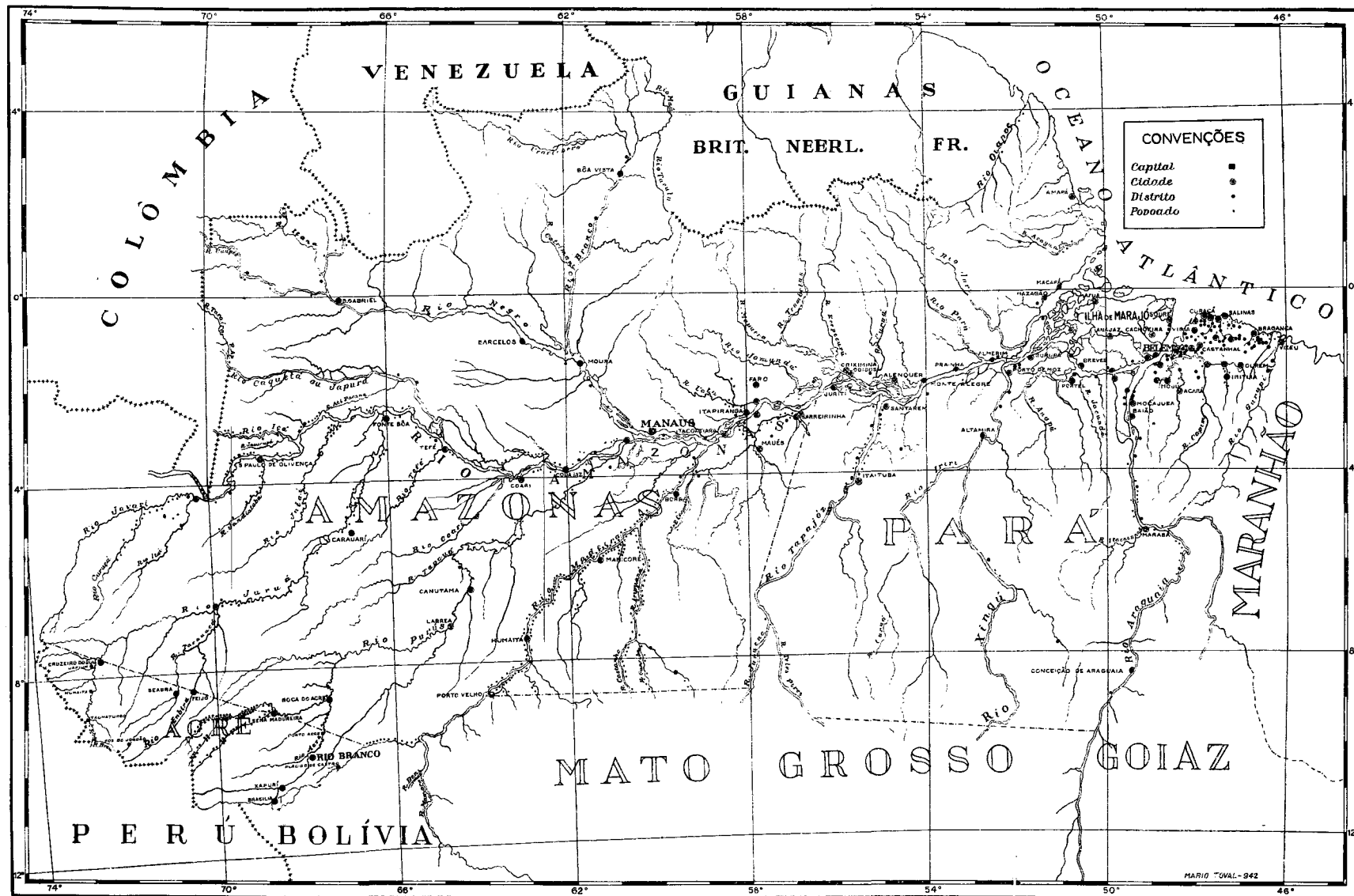
ESTADOS	BORRACHA		CASTANHA	
	Toneladas	Valor em contos de réis	Toneladas	Valor em contos de réis
Pará.....	2 262	5 189	19 668	19 805
Amazonas.....	4 511	10 348	14 339	16 298
Acre.....	2 822	6 474	2 632	2 614
Total.....	9 595	22 011	36 639	38 717

1936

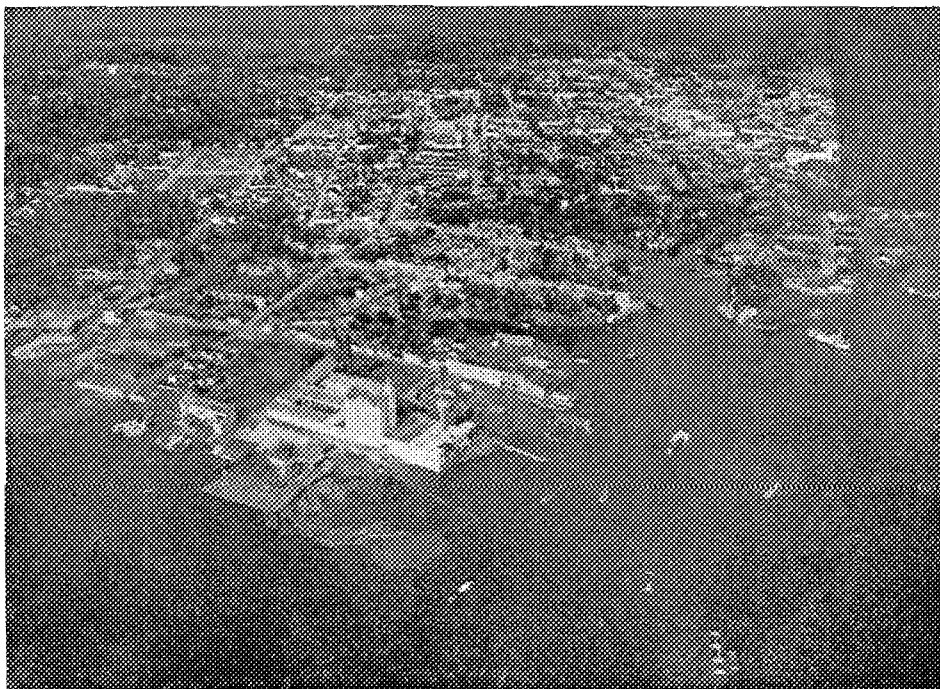
ESTADOS	BORRACHA		CASTANHA	
	Toneladas	Valor em contos de réis	Toneladas	Valor em contos de réis
Pará.....	4 436	22 774	14 050	26 526
Amazonas.....	5 813	29 843	19 038	32 288
Acre.....	5 647	28 990	5 404	10 202
Total.....	15 896	81 607	38 492	69 016

²⁵ O valor, em contos de réis, das principais culturas agrícolas, em que predomina o arroz, a mandioca, destinada a farinha, o milho, o feijão, cana para açúcar, orçou pelos números seguintes:

ESTADOS	1933	1934	1935	1936
Pará.....	33 893	28 580	28 579	38 029
Amazonas.....	5 249	5 815	6 016	6 419
Acre.....	4 986	5 946	5 910	6 515
Total.....	44 128	40 341	40 505	50 963



Mapa elaborado na 3.ª Secção, de Cartografia, do Serviço de Geografia e Estatística Fisiográfica. — Os pontos indicativos de cidades, vilas e povoados ao longo dos rios, em contraste com a carência de análogos símbolos fora das margens que reteem os agrupamentos humanos, assinalam a marcha colonizadora que praticamente desconhece outras estradas de penetração além das fluviais.



Manaus — Vista parcial da cidade.

Tôdas as atividades, porém, continuam à beira d'água.

Os rios, que imprimem feição inconfundível à planície amazônica, atraíram de mais a mais a curiosidade investigadora tanto dos pioneiros, que os devassaram, como dos geógrafos e naturalistas, que lhes examinaram a portentosa floresta marginal, a opulência de sua fauna,²⁶ especialmente ictiológica, as peculiaridades da economia regional, desenvolvida quase exclusivamente em suas proximidades, desde os tempos precabralianos, quando os agrupamentos ribeirinhos flanqueavam-lhe de clareiras habitadas os cursos extensos e plácidos, onde cuidavam da cerâmica, da arte plumária, de artefatos de fibras vegetais e da escassa lavoura, que lhes completava a nutrição baseada na caça, pesca e frutos silvestres.²⁷

Apesar das arrasadoras invasões das tropas de guerra, e do tráfico despovoador doutroira, instituído pelos resgates de prisioneiros, a população nativa resistiu ao extermínio, para avultar como elemento predominante na Amazônia, onde a primitiva indústria extrativa não encontrou obreiro mais atilado e prestadio.

²⁶ Lê-se, a propósito, em RAIMUNDO MORAIS — *Na Planície Amazônica*:

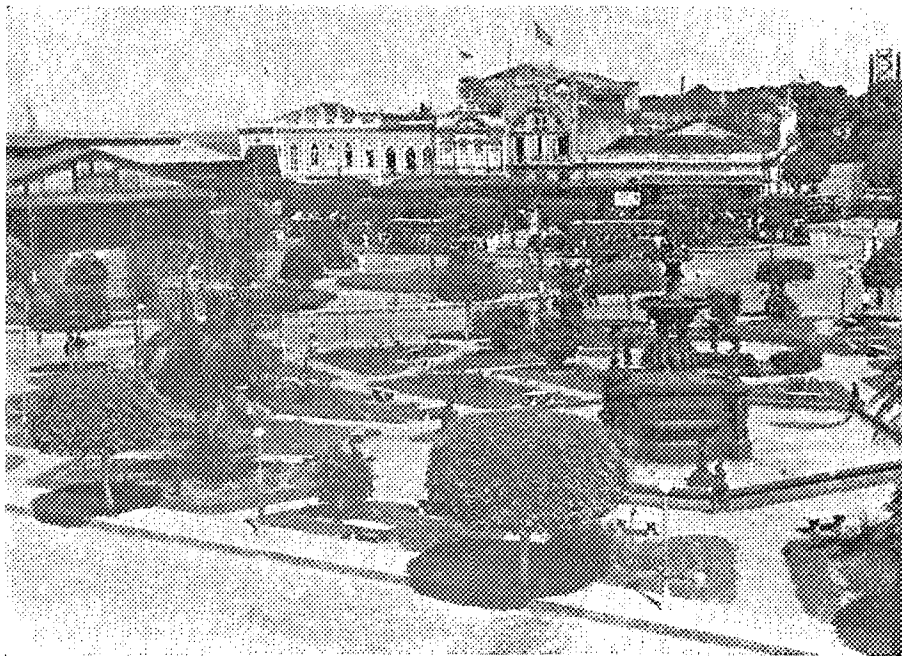
“Enquanto Spix avaliava em 700 as famílias ictiológicas no Brasil, Agassiz, quarenta anos depois, só na Amazônia encontrava 2 000, número duplo das existentes no Mediterrâneo e superior a tôdas as conhecidas no Atlântico.

Pobre de beijaflôres, porque a flor silvestre quase não existe na mata amazônica, o vale é rico de 14 712 espécies animais, 8 000 completamente novas e discriminadas por Bates nos seus dez anos de peregrinação em Tefé.

Entre os macacos de cauda preensora, contam-se 38 qualidades. Wallace, o êmulo de Darwin, colecionou 500 famílias de pássaros.

E no raio de uma hora, nas imediações de Belém, os entomologistas catalogaram 700 variedades de borboletas, quando as Ilhas Britânicas só possuem 66 e a Europa tôda 399”.

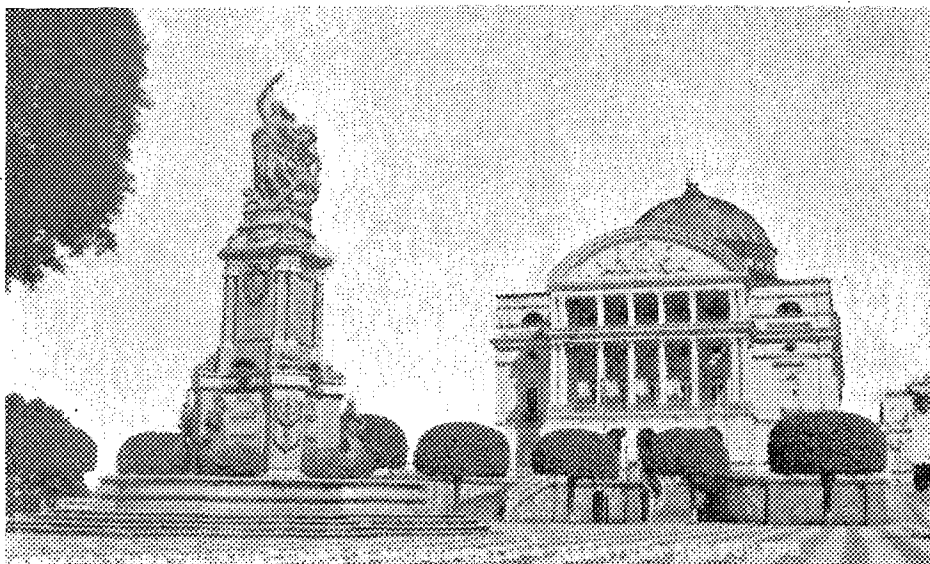
²⁷ A opulenta bibliografia referente à Amazônia encontra-se em outra secção desta REVISTA.



Manaus — Praça Osvaldo Cruz.

Depois, o cearense, transfigurado à sombra dos seringais, estadeou a sua compleição resistente, apesar do descaso pela conservação da própria higidez orgânica.

E, assim, o devassamento da Amazônia, acompanhado da ocupação, bem que ainda rarefeita, progrediu por fases sucessivas, em que o elemento forasteiro dominou politicamente, de chegada, para ser todavia suplantado, em outras formas da atividade humana, pelos nativos de quem adotou usos e costumes, tradições e processos industriais, idéias



Manaus — Teatro Amazonas e Monumento à Abertura dos Portos.

e sentimentos e até as particularidades do seu linguajar, com que se enriqueceu o vocabulário vernáculo, mercê da atuação perseverante e conservadora das morenas das selvas, em cujos filhos se processou a fusão de duas raças.

Assimilados os costumes indígenas, que derivavam da adaptação da vida humana ao *habitat* amazônico, desdobraram-se os povoados,²⁸ que opulentam a toponímia de origem ameríndia, sempre às margens dos rios, como a colonial vila da Barra, para onde se transferiu a sede governativa, transfigurada em moderna capital — Manaus —, nome evocativo da tribo outrora dominante na região, que exuberantemente comprova, como igualmente Belém, as aspirações progressistas de suas respectivas populações²⁹ e eficientes aptidões para realizá-las a primor.

²⁸ A população, declarada pelos recenseamentos, corresponde a

ESTADOS	1872		1890		1920		1940
	Nacionais	Estrangeiros	Nacionais	Estrangeiros	Nacionais	Estrangeiros	
Pará.....	268 708	6 529	324 416	4 039	960 859	22 648	949 808
Amazonas.....	55 411	2 199	144 638	3 277	346 091	17 075	449 077
Acre.....	88 808	3 571	81 326

²⁹ Tanto Belém, que se abeira do rio Guamá e da bafa guajarina, comunicantes com o estuário do Amazonas, como igualmente Manaus, à margem do rio Negro, de cuja confluência se avizinha, ostentam em suas feições peculiares, em suas iniciativas culturais, nos edifícios e melhoramentos urbanos, apropriada aplicação dos recursos financeiros derivados da produção extrativa que se canalizava para essas capitais na quadra de opulência da Amazônia.

Beneficiaram-se às maravilhas com a alta cotação da borracha, cuja depreciação lhes causou perturbador abalo, que, todavia, lhes despertou adormecidas energias para sobreviverem e prosperar de novo, amparadas em outras atividades econômicas.

*

RESUMÉ

L'étude des explorations principales de l'Amazonie et du peuplement de la vallée de ce fleuve majestueux est résumé dans cet article de VIRGÍLIO CORREIA FILHO, assistant technique du C. N. de G. Au début, il raconte le voyage plein d'aventures de FRANCISCO ORELLANA qui fut le compagnon de GONÇALO PIZARRO dans l'oeuvre de défrichement du pays de la cannelle et qui, s'éloignant à la recherche de vivres, arriva, par un de ses tributaires, au fleuve nommé Marañon, le 12 février 1542, poursuivant ensuite son voyage en pays inconnu. FRANCISCO ORELLANA emploie la violence pour forcer les indigènes à lui livrer des réserves de leur récoltes; ceux-ci répondent avec les armes dont ils disposent. L'explorateur navigue, pour ainsi dire, entre deux rangs d'indigènes rougeâtres qui empoignent la flèche sur les deux rives du fleuve. En arrivant à la confluence du puissant affluent, il est retenu, dans sa marche singulière, par une légion de combattants nus, aux longs cheveux, dont les traits lui semblaient féminins. C'est de là qu'est né le nom de l'Amazonie, nom qui se substitua au Marañon des indigènes et au Paraná-Guassú, du cours inférieur, où le fleuve semble un bras de la mer, tellement sont grandes ses proportions !

L'occupation effective de l'Amazonie, cependant, a commencé avec les forts hollandais et anglais qui s'établirent de Gurupá au Xingú; ces forts furent attaqués, pendant dix ans, par les luso-brésiliens, jusqu'à 1632, époque où le fort de Camaú fut réduit au silence.

La vallée fut alors fréquentée, et les premiers habitants établirent à Belém la base de leurs opérations. C'est de cet endroit que partit l'expédition de P. TEIXEIRA, laquelle grâce à son organisation, put vaincre les obstacles que lui opposa le courant.

C'est ainsi qu'ORELLANA réussit à atteindre le port de Palamina, d'où il marcha sur Quito pour se présenter aux autorités péruviennes.

Au retour, il fut accompagné par les jésuites CRISTÓVÃO D'ACUNA e ANDRÉ D'ARTEGA; CRISTÓVÃO D'ACUNA devait écrire la "Nouvelle découverte du grand fleuve Amazonie".

Après l'expédition de PEDRO TEIXEIRA la grande voie fluviale n'eut plus de mystère; elle fut ouverte à la pénétration des habitants du pays. Il restait, cependant, ses affluents à explorer: ce sont les troupes de guerre ou de rachat qui se sont occupées de cette tâche.

Ces mêmes routes fluviales ont servi aussi aux missionnaires de différents ordres religieux qui, par des moyens pleins de douceur, réussirent à amener les indigènes au commerce avec les blancs leur assurant une excellente collaboration.

Jusqu'au moment de la grande sécheresse de 1877, qui poussa les habitants du Nord-est vers l'industrie du caoutchouc, la population régionale de l'Amazone était constituée d'indigènes. Au cours de la pénétration accompagnée d'occupation, cette population, quoique bien faible, a eu des alternatives de progrès. Tantôt l'élément étranger domina politiquement à son arrivée; tantôt, il fut supplanté, dans certaines formes de l'activité humaine, par les indigènes, qui lui enseignèrent les usages et les habitudes, les traditions et les procédés industriels, les idées et les sentiments, voir même les particularités de sa langue, enrichissant de cette façon la langue nationale, grâce à l'influence persévérante et conservatrice des *morenas das selvas*, dont les enfants représentaient la fusion de deux races.

Les costumes indigènes, nés du besoin d'adaptation de la vie humaine à l'habitat de l'Amazone, furent assimilés; ensuite, les foyers de population se multiplièrent, portant la toponymie d'origine amérindienne, se localisant toujours sur les rives des fleuves, comme cette petite ville coloniale de *Barra*, qui abrita le gouvernement primitif et qui se transforma en une capitale moderne, *Manáos*, dont le nom évoque la tribu autrefois dominante dans la région. Ce fait démontre à la fois l'aspiration au progrès des populations de l'Amazone et son aptitude à le réaliser.

RESUMEN

El estudio de las exploraciones principales del río Amazonas y del poblamiento de su valle majestuoso es resumido en este artículo de VIRGILIO CORREIA FILHO, asistente técnico del Consejo Nacional de Geografía.

Comienza por narrar la historia del viaje aventurero de FRANCISCO ORELLANA, compañero de GONZALO PIZARRO, en la exploración del País de la Canela, de donde se alejó, en un bergantín, en busca de provisiones.

Rodando por uno de sus tributarios, alcanzó el río llamado Marañon el 12 de febrero de 1542, y prosiguió por el desconocido.

Para forzar a los indios a contribuir con la reserva de sus cosechas emplea la violencia, a que los naturales contestan con las armas que disponen.

Navega a bien decir entre alas de flecheros rojizos, de una y otra margen del río.

Al llegar frente a la hoz del voluminoso afluente le detiene la marcha una singular legión de guerreros desnudos, de pelos largos, cuyas facciones se le afiguran femeninas.

De esto se causó el nombre del río de las Amazonas, con que se haría conocido el Marañon de los indios, o Paraná Guazú, del curso inferior, donde más parece un brazo de mar, tan agigantadas son sus dimensiones.

La ocupación efectiva, con todo, comenzaría por los fuertes holandeses e ingleses, establecidos del Gurupá al Xingú, que los lusobrasileros asaltan, en belicoso decenio, terminado en 1632, cuando emudeció el reducto de Camaú.

El valle fué entonces frecuentado por los pobladores que establecieron en Belém su base de operaciones.

De allá partiría la expedición comandada por PEDRO TELXEIRA, en condiciones de vencer los obstáculos que se le opondrían a la navegación contra la corriente.

Y así consiguió alcanzar el puerto de Payamina de donde se marcharía hasta Quito, a presentarse a las autoridades peruanas.

Al regreso, lo acompañarían los jesuitas CRISTOBAL DE ACUNA y ANDRÉS DE ARTIEGA. Al primero de ellos tocaría la incumbencia de escribir el "*Nuevo Descubrimiento del gran Río de las Amazonas*".

Después de la expedición de PEDRO TELXEIRA ningún misterio se ocultaría en la larga vía fluvial que se franqueó a la penetración de los exploradores.

Quedaban sin embargo sus afluentes, adonde las tropas de guerra o de rescates se encargarían de penetrar.

Por las mismas vías fluviales seguían también los misionarios de varias órdenes religiosas que por medios blandos conseguirían la incorporación de los salvajes a la sociedad de los blancos, de quienes se hicieron excelentes colaboradores.

Constituyeron los indigenas la mayoría de la población regional, antes que, en el siglo pasado, la industria de la goma atrayese los nordestinos, desde la gran sequía de 1877.

Y así la penetración de la Amazonia, acompañada de la ocupación aunque poco densa, prosiguió por fases sucesivas, en que el elemento extraño dominó políticamente al llegar, para ser todavía vencido en otras formas de actividades humanas por los nativos (criollos), que les enseñaron hábitos, tradiciones y procesos industriales, ideas y sentimientos, hasta las particularidades de su lenguaje que enriqueció el vocabulario vernáculo, merced de la actuación constante y conservadora de las morochas de las selvas, en cuyos hijos se procesó la fusión de las dos razas.

Asimiladas las costumbres indigenas, que provenían de la adaptación de la vida humana al habitat amazonense, se desdoblaron los pueblos, que enriquecen la toponimia de origen amerindio, siempre a las márgens de los rios, como la colonial villa de la Barra, para donde se transfirió la capital gubernativa, transfigurada en moderna ciudad, Manaus, nombre evocador de la tribu que en otros tiempo dominaba la región, que exuberantemente comprueba las aspiraciones progresistas de las poblaciones amazónicas y eficientes aptitudes para realizarlas primorosamente.

RIASSUNTO

VIRGILIO CORREIA FILHO, assistente tecnico del Consiglio Nazionale di Geografia, riassume la storia delle principali esplorazioni del Rio delle Amazzoni e del popolamento della sua vasta valle.

Comincia col racconto del viaggio avventuroso di FRANCISCO DE ORELLANA, che fu compagno di GONÇALO PIZARRO nella esplorazione del Paese della Cannella, e che si allontanò da lui, in un brigantino, alla ricerca di viveri. Discendendo uno dei suoi affluenti, raggiunse il 12 febbraio 1542 il fiume chiamato Marañon, e proseguì per il suo corso ignoto. Per costringere gli indigeni a fornirgli viveri, attinti alle loro riserve, ricorse alla violenza, cui essi risposero con le armi. Continuò la navigazione fra schiere di Indî che tiravano frecce dalle due rive del fiume. Arrivato allo sbocco del grande affluente, gli si parò dinanzi una strana legione di combattenti nudi, coi capelli lunghi, i cui tratti gli parvero femminili. Questo fatto diede origine al nome di Rio delle Amazzoni, col quale fu conosciuto il Marañon degli Indî, o Paraná Guassú, del corso inferiore, che per la sua colossale ampiezza appare come un braccio di mare.

L'occupazione effettiva però cominciò quando gli Olandesi e gli Inglesi si stabilirono in posizioni fortificate fra il Gurupá e lo Xingú, che poi e Luso-brasiliani attaccarono, in dieci anni di guerra, terminati nel 1682 con la resa del ridotto di Camaú.

La valle cominciò allora ad essere popolata da pionieri, che fissarono la loro base di operazioni in Belém. Da questa città partì la spedizione comandata da PEDRO TEIXEIRA, equipaggiata in modo da poter vincere gli ostacoli che si opponevano alla navigazione contro corrente. Raggiunse il porto di Palamina, donde si diresse verso Quito, per presentarsi alle autorità peruviane. Nel ritorno fu accompagnata dai gesuiti CRISTÓVÃO D'ACUNA e ANDRÉ D'ARTIGA, il primo dei quali scrisse poi il "Nuevo Descubrimiento del gran Rio de las Amazonas". Dopo la spedizione di PEDRO TEIXEIRA, non rimase nessun mistero nella lunga via fluviale che si aprì alla penetrazione dei "sertanistas". Restavano gli affluenti, che le missioni militari si incaricarono di esplorare.

Le stesse vie fluviali erano risalite anche dai missionari dei vari ordini religiosi, i quali con la persuasione riuscirono ad adattare gli indigeni alla convivenza coi bianchi, e a farne degli eccellenti collaboratori.

La maggior parte della popolazione della regione era costituita da indigeni, prima che, nel secolo scorso, l'industria della gomma cominciasse ad attrarre gli abitanti del Nord-Est, dopo la grande secca del 1877.

Così l'esplorazione dell'Amazzonia, accompagnata dall'occupazione quantunque ancora poco densa, progredì in fasi successive, in cui l'elemento forestiero dominò politicamente in principio, superato tuttavia in altre forme di attività umana dagli indigeni, i quali insegnarono ai nuovi venuti usi e costumi, tradizioni e processi industriali, idee e sentimenti, e perfino particolarità del loro linguaggio, che arricchirono il vocabolario proprio del paese, per lo sforzo perseverante e conservatore delle donne indî, nei cui figli si attuò la fusione delle due razze.

Assimilati quegli usi indigeni, che meglio corrispondevano all'adattamento della vita umana all'ambiente dell'Amazzonia, si svilupparono i villaggi che arricchiscono la toponomastica di origine amerindia, sempre sulle rive dei fiumi. Sorse anche la città coloniale di Barra, che divenne sede del governo, e che, mutato il nome, si sviluppò formando l'odierna capitale Manaus, il cui nome ricorda la tribù che in altri tempi dominò la regione. Questa città, moderna ed attiva, attesta le aspirazioni al progresso delle popolazioni amazzoniche e la loro capacità di tradurle in atto.

SUMMARY

The study of the main explorations of the Amazon River and of the settlement of its magestic valley is condensed in this article by VIRGILIO CORREIA FILHO, technical assistant to the National Council of Geography.

He starts by narrating the adventurous voyage of FRANCISCO DE ORELLANA, companion of GONÇALO PIZARRO, in opening up the Cinnamon Country, and from whom he separated while looking for provisions in a barquentine. Following one of its tributaries he reached the river called Marañon on the 12th February, 1542 and continued his quest of the unknown.

In order to force the natives to contribute with their reserve crops he resorted to violence, to which they replied with the arms at their disposal. He sailed literally between rows of red-skinned bowmen on both banks of the river. Upon nearing the mouth he was faced with a legion of long-haired, native warriors, whose features seemed very feminine. Hence the reason for the name Amazon, by which would become known the Marañon River of the Indians, or the Paraná-guassú, in the lower course, where it looks more like an arm of the sea, so vast are its dimensions.

Its effective occupation, however, commenced only with the establishment of Dutch and British forts from the Gurupá to the Xingú, which the Portuguese and Brazilians attacked during a warlike decade, ending in 1682 with the silencing of the redoubt of Camaú.

The valley then became frequented by the settlers who made their base of operations in Belém, Pará. Thence set out the expedition commanded by PEDRO TEIXEIRA, qualified to overcome the obstacles it might meet in the upstream navigation of the river. Thus it succeeded in reaching the port of Palamina, whence it proceeded to Quito and reported to the Peruvian authorities.

On the way back they were joined by the Jesuits CRISTOVAM D'ACUNA and ANDRÉ D'ARTIGA, the former having later written the book "Nuevo Descubrimiento del Gran Rio de las Amazonas".

After PEDRO TEIXEIRA'S expedition no mystery remained in the long river road, which was opened to the penetration of pioneers.

There remained, however, its tributaries, which the War, or Ranson Troops undertook to explore.

Along the same river route followed also the missionaries of various religious orders, who obtained by gentle means the incorporation of the Indians to the community of the whites, of whom they became excellent collaborators.

The natives constituted the majority of the regional population previous to the rubber industry having attracted, during the last century, the Northeasterners, since the great drought of 1877.

Thus the opening up of Amazonia, followed by its occupation, though still sparse, progressed by successive phases in which the newcomers dominated politically at first, to be, however, later supplanted in other forms of human activity by the natives, who taught them their own usages and habits, traditions and industrial processes, ideas and sentiments, and even the peculiarities of their language. In this way the vernacular was enriched thanks to the persevering and conservative action of the dusky beauties of the jungle, in whose offspring the fusion of the two races took place.

Having assimilated the Indian habits, which were a result of the adaptation of human life to the Amazonian habitat, the settlements multiplied and increased the toponymy of Amerindian origin, always on the banks of the river.

Such was the case of the colonial village of Barra, whither the seat of government was transferred, which transformed itself into the modern capital of Manaus — a name which recalls the erstwhile dominating tribe of that region —, thus abundantly proving the progressive aspirations of the Amazonian populations and their efficient ability to carry them out to perfection.

ZUSAMMENFASSUNG

Im vorliegenden Artikel von VIRGÍLIO CORREIA FILHO, dem technischen Assistent im Nationalen Rat fuer Geographic wird eine Studie vorgelegt ueber die hauptsaechlichsten Erkundigungen ueber den Amazonasfluss und ueber die Bevoelkerung seines majestaetischen Tales.

Er beginnt mit der Erzaehlung der abenteuerlichen Reise des FRANZISCUS DE ORELLANA, der bei der Bezeichnung des LANDES CANELA ein Begleiter des GONÇALO PIZARRO war. Von jenem hatte er sich, auf der Suche nach Lebewesen, mit einer Brigg entfernt. Zusammen mit einem seiner Untergebenen gelangte er am 12. Februar 1542 an den sogenannten Fluss Marañon und stiess dann weiter ins Unbekannte Land vor.

Um die Eingeborenen dazu zu zwingen, die Reserven ihrer Ernten abzuliefern, wendet er Gewalt an, worauf diese mit ihren Waffen antworten, die sie besitzen. So faehrt er sozusagen zwischen blutigen Pfeilfedern von einem Ufer des Flusses zum anderen. Beim Erreichen der Mueindung des gewaltigen Zuflusses, vertritt ihm den Weg eine einzelne Legion von nackten Kaempfern, mit langen Haaren, die ihnen das Aussehen weiblicher Wesen geben. Daher stammt der Name "Amazonas", unter welchem der Marañon der Indios nunmehr bekannt wurde, oder der Paraná Guassú, auf seinem unteren Flusslauf, wo er schon mehr einem Arme des Meeres gleicht, so ungeheuer und gewaltig sind seine Ausmasse.

Die wirkliche Besetzung jedoch beginnt durch die von den Englaendern und Hollaendern errichteten Forts von Gurupá bis Xingú, welche die Luso-Brasilianer waehrend eines ganzen kriegerischen Dezenniums immer wieder bestuermen und das im Jahre 1632 zu Ende geht, als der Hafendamm von Camaú errichtet wurde.

Daraufhin wurde das Tal durch die Ansiedler haeufig besucht, welche sich Belém waeliten als Base fuer ihre Unternehmungen.

Von dort aus brach die Expedition des PEDRO TEIXEIRA auf, um die Widerstaende zu brechen, die sich immer wieder der Schifffahrt oberhalb von Correnteza entgegenstellten.

Auf dem Rueckweg begleiteten ihn die beiden Jesuiten CRISTOVAM D'ACUNA und ANDRÉ D'ARTIGA, auf den ersteren der beiden fiel das Amt die Schrift "Neuentdeckung des grossen Amazonas-Flusses" zu verfassen.

Nach dieser Expedition des PEDRO TEIXEIRA verbarg sich auf dem langen Flusswege keinerlei Geheimnis mehr, der nun fuer weitere Eindringlinge freilag.

Nur noch blieben seine Zufluesse, welche sich die Kriegstruppen oder Schiffsbesatzungen zur Aufgabe machten, auszukundschaften.

Auf den selben Flusswegen folgten auch Missionäre verschiedener religioeser Orden, die mit sanften Mitteln die Einverleibung der wilden Staemme in die Gemeinschaft der Weissen erreichten, denen sie sich als ausgezeichnete Mitarbeiter erwiesen.

Die Eingeborenen stellten die gross Mehrzahl der Bevoelkerung dar, bis im vorigen Jahrhundert seit der grossen Duerre des Jahres 1877 die Gummi-Industrie die Nordstaatler anzog. Und so schritt die Erkundung des Amazonasgebiet, begleitet von der Besetzung desselben in aufeinander folgenden Abschnitten fort, in denn das auslaendische Element immer dominierend war. Trotzdem pflanzten die Eingeborenen ihre andere Lebensweise fort, sie lehrten den Neueinwanderern ihre Sitten und Gebraeuche, ihr Althergebrachtes und Handwerke, Ideen und Gefuehle, und sogar wurde die Landessprache mit Einzelheiten aus ihrem Sprachschatz bereichert, dank dem stetig konservativen Bewahren dieser Braunen des Urwaldes, in deren Soehnen die Mischung zweier Rassen liegt.

An die Eingeborenenbraeuche gewohnt — durch die stete Lebensverbindung mit den Gewohnheiten des Amazonas — entfaltete sich die Besiedlung immer an den Ufern des Flusses, wie zum Beispiel die Kolonie Villa da Barra, wohin spaeter der Regierungssitz verlegt wurde, in eine moderne Hauptstadt mit dem Namen Manaus umgewandelt. Ries war der Name des Stammes, der fruher in dieser Gegend geherrscht hatte, und allein schon diese Tatsache beweist ganz ueberfluessig das fortschreitende Ineinandergehen der amazonischen Bevoelkerungen und die tuechtigen Anstrengungen, sie von vorneherein zu realisieren.

RESUMO

La studo pri la ĉefaj esploroj de la riverigo Amazonaso kaj pri la lokatiĝo de ties majesta valo estas resumita en tiu ĉi artikolo de VIRGÍLIO CORREIA FILHO, teknika asistanto de la Nacia Konsilantaro de Geografio.

Li komenciĝas historiante la aventureman vivon de FRANCISKO DE ORELLANA, kunulo de GONÇALO PIZARRO, ĉe la malsovaĝigo de la Lando l' Cinamo, de kiu li foriĝis, sur brigeto, serĉe de nutraĵoj. Veturante tra unu el ĝiaj enfluantoj, li atingis la riveron nomatan Marañon, je la 12a de Februaro de 1542, kaj daŭrigis sian vojaĝon tra nekonata regiono.

Por devigi la indiĝenojn kontribui per la rezervaĵo de siaj rikoltoj, li uzas la perfor-ton, kiu la enlanduloj respondas per la armiloj, kiujn ili posedas.

Li veturas kvazaŭe tra inter vicoj da ruĝetaj sagpafistoj, starantaj sur la du riverbordo-j. Kiam li estis vidalvide al la buŝo de volumena alfluaĵo, vidiĝas stranga legio da nudaj bata-lantoj, kun longaj haroj, kies aspektoj ŝajnis al li virinaj. De tio venis la nomo de rivero Amazonas, per kiu iĝis konata la rivero Marañon de la indiĝenoj, aŭ Paraná Guassú, ĉe la malsupera kurso, kie ĝi pli bone ŝajnas marbrako, pro siaj tiel gigantaj mezuroj.

Tamen la efektiva okupado komenciĝus per la konstruado de la nederlandaj kaj angliaj fortikaĵoj, de Gurupá ĝis Xingú, kiujn la portugal-brazilanoj atakis, dum militema jardeko, kaj finiĝis en 1632 post la mutiĝo de la reduto de Camaú.

Tiam la valo iĝis multe vizitata de la loĝatigantoj, kiuj starigis en Belém sian agadan bazon.

De tie ekveturus la ekspedicio komandita de PEDRO TEIXEIRA, kiu sin preparis por venki la barojn, kiuj malhelpis la navigacion por la fortfluaĵo.

Kaj tiel li sukcesis atingi la havenon de Palamina, de kie li marŝus al Quito por sin prezenti al la peruaŭ aŭtoritatoj.

Ĉe lia reveno lin akompanus la jezuitoj KRISTOFORO D'ACUNA kaj ANDREO D'ARTIĜA, al la unua el kiuj koncernus la tasko redakti la "*Nuevo Descubrimiento del gran Rio de las Amazonas*".

Post la ekspedicio de PEDRO TEIXEIRA neniu mistero kaŝiĝus ĉe la longa rivervojo, kiu malfermiĝis al la penetrado de l' enlandvizitantoj.

Sed restis iliaj alfluaĵoj, kiujn la Militaj Trupoj aŭ tiuj de aĉetoj prenis sur sin la taskon esplori.

Tra la samaj rivervojoj sekvis ankaŭ la misiistoj de diversaj religiaj ordenoj, kiuj per mildaj procedoj sukcesis havigi la aliĝon de la sovaĝuloj al la kunvivo de la blankuloj, de kiuj ili fariĝis bonegaj kunlaborantoj.

La indiĝenoj konsistigis la plimulton de la regiona loĝantaro antaŭ kiam, en la ĵus pasinta jarcento, la kaŭĉuka industrio allogus la nordorientanojn, ekde la granda 1877a senpluveco. Kaj tiel la esplorado de Amazonio, akompanata de okupado, kvankam maldensa, progresis laŭ sinsekvaj fazoj, en kiuj la fremda elemento de la komenco superis politike, sed, ĉe aliaj formoj de homaj aktivecoj, estis superita de la enlandidoj, kiuj instruis al ili siajn uzojn kaj kutimojn, tradiciojn kaj industriajn procedojn, ideojn kaj sentojn, kaj eĉ la specialaĵojn de sia parolado, per kiu pliriĉiĝis la portugala vortareto, dank' al la konstanta kaj konservema aktiveco de la arbaraj brunulinoj, en kies filoj kunmiksiĝis la du rasoj.

Post la asimilado de la indiĝenaj kutimoj, kiuj devenis de la adapto de l' homa vivo al la amazona *habitat*, multobliĝis la domaroj, kiuj riĉigas la loknomaron el *amerindia* deveno, ĉiam borde de la riveroj, kiel la kolonia urbeto de Barra, kien translokiĝis la registara sidejo, ŝanĝita je moderna ĉefurbo, Manaus, nomo, kiu elvokas la tribon, kiu en la pasinta tempo superregis la regionon. Tio troabunde konfirmas la progresemajn aspirerojn de la amazonaj loĝantaroj kaj ties efikajn kapablojn por ilin perfekte plenumi.